



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ-UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

AMANDA SOUSA RODRIGUES

REPRESENTAÇÕES SENSÍVEIS DA URBE: os espaços de sociabilidades picoenses, das décadas de 1980 e 1990, sob a ótica feminina.

PICOS – PIAUÍ

2021

AMANDA SOUSA RODRIGUES

REPRESENTAÇÕES SENSÍVEIS DA URBE: os espaços de sociabilidades picoenses, das décadas de 1980 e 1990, sob a ótica feminina.

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura
Plena em História, pela Universidade Federal do
Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de
Barros.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos
Santos.

PICOS – PIAUÍ

2021

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Biblioteca Setorial José Albano de Macêdo
Serviço de Processamento Técnico

R696r Rodrigues, Amanda Sousa
Representações sensíveis da URBE: os espaços de sociabilidades
picoenses, das décadas de 1980 e 1990, sob a ótica feminina / Amanda
Sousa Rodrigues – 2021.

Texto digitado

Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo-
CSHNB

Aberto a pesquisadores, com as restrições da biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal
do Piauí, Licenciatura Plena em História, Picos-PI, 2021.

“Orientador: Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos”

1. Espaços de Sociabilidades. 2. Mulheres. 3. Representações
Sensíveis-Picos-PI. I. Santos, Raimundo Nonato Lima dos. II. Título

CDD 305.42

Maria José Rodrigues de Castro CRB 3: CE-001510/O



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em História
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 – Picos-Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos sete (07) dias do mês de julho de 2021, no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, por meio da plataforma digital Google Meet, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Amanda Sousa Rodrigues** sob o título **Representações sensíveis da urbe: os espaços de sociabilidades picoenses, das décadas de 1980 e 1990, sob a ótica feminina.**

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos

Examinadora 1: Profa. Dra. Olívia Candeia Lima Rocha

Examinadora 2: Profa. Esp. Nayara Gonçalves de Sousa

Deliberou pela **APROVAÇÃO** do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de **9,5**.

Picos (PI), 07 de julho de 2021.

Orientador (a): Raimundo Nonato Lima dos Santos

Examinador (a) 1: Olívia Candeia Lima Rocha

Examinador (a) 2: Nayara Gonçalves de Sousa

*Ao meu bom e amado Deus, que me deu sabedoria e fé
para chegar até aqui.
À minha amada família, sempre me dando toda força e
apoio necessário.*

AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos começam com duas frases que sempre trago no meu coração, pois estão comigo desde sempre, são elas que me transmitem toda a paz e calma nos meus momentos de aflição: “O senhor é meu pastor e nada me faltará (Salmo 23)”. “Tudo posso naquele que me fortalece (Filipenses 4:13)”.

Toda vez que me via nervosa ou preocupada com algo, sempre olhava para a imagem do crucifixo que tem na sala da minha casa e clamava a Deus misericórdia, pedindo para me guiar pelos caminhos certos, falava várias vezes essas duas frases com toda fé que tenho em meu coração. E tenho certeza de que Deus sempre me ouvia, por que ele nunca desampara seus filhos e jamais nos dará um fardo que não sejamos capazes de carregar. Tudo tem seu tempo e hora certa para acontecer, basta confiar e esperar no senhor meu Deus.

Agradeço a todas as pessoas que de algum modo me ajudaram a chegar até aqui durante essa fase da minha vida, me dando forças, motivação, conselhos e muitas outras ajudas, dentre as quais estão os seguintes destaques:

Minha linda e amada mãe, Maria do Socorro Sousa Rodrigues, a melhor de todas as mães que Deus poderia me dar, trabalhadora, embora não tenha concluído seus estudos, nunca mediu esforços para nos dar uma boa vida, tanto para mim como para meu irmão, sempre lutou para ver nossos sonhos e objetivos alcançados. Quantas vezes dentre esses 4 anos me consolou e me deu forças para continuar. Obrigada meu amor, cheguei até aqui por conta da senhora.

Meu paizão, Francisco Rodrigues Filho, meu maior incentivador nessa trajetória, sempre me disse que a maior riqueza que uma pessoa possui é a sabedoria. Trabalhador igual a minha mãe, passa semanas fora de casa para nos dar uma vida digna. Sempre me ajudando em tudo, meu herói! Essa conquista é também sua.

Meu irmão chato, Anderson Esmerindo Sousa Rodrigues, maior causador do meu estresse, sempre me chamou de louca, por dizer que estudo demais. Sei que você sempre torceu para o meu sucesso, assim como torço pelo seu sucesso também.

À minha prima, Maria Gabriela Almondes Rodrigues, pois sempre me ajudou nas horas em que precisei, foi ela quem me avisou que eu tinha passado para o curso, acho que no dia vibrou de alegria mais do que eu mesma. Obrigada por sua ajuda e companheirismo.

Laís Lucinete, minha irmã de mãe diferente, como sou grata pela UFPI ter me presenteado com sua amizade. Nossas vidas são muito parecidas, até os nossos sofrimentos são os mesmos. Obrigada por todas as vezes que me deu forças e não me deixou desistir.

Agradeço imensamente a minha amiga de sala e da vida, Milena Carvalho, por ter me aturado todos esses anos, tanto na UFPI, como na sua casa. Sou grata por ter conhecido você, e apesar de ter feito eu ficar lhe esperando chegar dos roles da vida naquela bela cantina, saiba que é especial “pra caramba”. Aos trancos e barrancos nossa amizade vai se tornando cada dia mais firme, amiga.

Francisco Kennedy, o amigo que toda pessoa deveria ter. Aquele que sabe tudo de computação, sempre lhe salva nas horas mais apertadas. Somos meio opostos né querido?! Mas é o que torna nossa amizade especial. Sempre fazendo deboche de tudo, até quando a coisa é séria, e olha que quer ser padre, imagina se não quisesse. Obrigado amigo por me permitir conviver com você todos esses anos, sei que não sou fácil, mais tem que suportar.

Como é prazeroso saber que na UFPI fiz grandes amigos. Obrigado Laís, Milena e Kennedy, pelas risadas, idas ao açai, sorveteria, espetinho, os belos choques de realidades que damos uns aos outros, por todos os momentos que tivemos o prazer de vivermos juntos. Com vocês tenho as melhores risadas. Obrigado por existirem e serem meus motivos diário de alegria todos os dias.

Não poderia deixar de agradecer ao meu amigo, Henrique Moreira, que hoje é uma linda estrela no céu, pelas lindas palavras que sempre me falava, sua inteligência era inexplicável, obrigado por ter feito parte da minha história, apesar de ter sido por pouco tempo. O céu se alegra por ter você como morador.

Ao meu querido orientador, Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos, por ter me escolhido para fazer parte do seu projeto. O senhor foi a minha luz no fim do túnel, não tinha nem ideia sobre o que seria o meu trabalho de conclusão do curso, e o senhor chegou me dando a direção que eu deveria tomar. Obrigada pelo nervosismo, preocupação, insônia que me causou nesse tempo. A sua inteligência me fascina.

Agradeço também a todas aquelas pessoas que chegaram em me e perguntaram: “Você estuda pra ser o quê?”. Quando eu respondo, ou olham com cara de deboche ou soltam piadas, desfazendo da profissão que escolhi seguir. Obrigada por todas essas coisas desagradáveis que falaram e demonstraram, só me deram mais forças para seguir em frente.

Agradeço aos que direta ou indiretamente me ajudaram a chegar aqui. Não sou uma pessoa de muitos amigos, mais os que tenho posso dizer, são verdadeiros.

RESUMO

O trabalho analisa as representações sensíveis sobre os espaços de sociabilidades femininas na cidade de Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990. Como meio de investigação nesse estudo, foram utilizadas poesias, jornais, leis municipais, relatórios, imagens, entrevistas com moradoras da cidade de Picos. Como embasamento teórico nesse estudo, fizemos uso das reflexões de Raquel Rolnik (1995), Michel de Certeau (2008), Sandra Jatahy Pesavento (2007), Alain Corbin (1987), Sônia Freitas (2006), Ecléa Bosi (2003) e Mariana Corção (2007). O estudo apontou os espaços ocupados pelas mulheres, expressados por meio de uma memória gustativa, auditiva e olfativa, bem como o processo de urbanização na cidade de Picos no referido período proposto.

Palavras-chave: Espaços de Sociabilidades. Mulheres. Representações Sensíveis. Picos-PI.

ABSTRACT

The work analyzes the representations related to the spaces of female sociabilities in the city of Picos-PI, in the 1980s and 1990s. As a means of investigation in this study, poetry, newspapers, municipal laws, reports, images, reports with residents of the city were used of Peaks. As a theoretical basis for this study, a statement on the use of reflections by Raquel Rolnik (1995), Michel de Certeau (2008), Sandra Jatahy Pesavento (2007), Alain Corbin (1987), Sônia Freitas (2006), Ecléa Bosi (2003) and Mariana Corção (2007). The study pointed out the spaces occupied by women, expressed through a gustatory, auditory and olfactory memory, as well as the urbanization process in the city of Picos not mentioned in the proposed period.

Keywords: Sociability Spaces. Women. Sensitive Representations. Picos-PI.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGEM 1: Localização das ruas que circundam a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Picos-PI, em 2020.....	19
IMAGEM 2: Foto da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Picos, 1950.....	20
IMAGEM 3: Foto da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Picos, 2020.....	20
IMAGEM 4: Matriz de Nossa Senhora dos Remédios, Picos, 1960.....	22
IMAGEM 5: Catedral de Nossa Senhora dos Remédios, Picos, 2020	22
IMAGEM 6: Foto da Praça Félix Pacheco, Picos, no final dos anos 1970.	24
IMAGEM 7: Foto da Praça Félix Pacheco, Picos, 1980	25
IMAGENS 8: Praça Félix Pacheco, na década de 1990.	25
IMAGEM 9: Localização das ruas que circundam a Praça Felix Pacheco, Picos, 2020.....	26
IMAGEM 10: Foto do prédio onde entre 1964 e 1989 funcionou o Cine Spark, Picos, 1990	32
IMAGEM 11: Antônio José Varão na Praça Félix Pacheco, em frente ao Cine Spark.....	32
IMAGEM 12: Foto do Cine Spark, inaugurado em meados dos anos de 1960, complexo cultural que envolvia o calçadão e a Praça Felix Pacheco.....	35

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. OS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE FEMININA EM PICOS – PIAUÍ, NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990.....	18
2.1 A Igreja do Sagrado Coração de Jesus	19
2.2 A Catedral de Nossa Senhora dos Remédios.....	21
2.3 A Praça Félix Pacheco	24
2.4 O Cine Spark.....	31
2.5 Os espaços da alta sociedade em Picos: Picoense Clube, AABB, Samambaia Campestre Clube e Lá em Casa.	38
2.6 Espaços “proibidos” às mulheres e a luta feminina em Picos.....	40
3. REPRESENTAÇÕES SENSÍVEIS DOS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE NA CIDADE DE PICOS – PIAUÍ	45
3.1 Os sabores e odores agradáveis de outrora, na urbe picoense.....	45
3.2 Os odores desagradáveis de outrora, na urbe picoense.....	49
3.3 Os sons de outrora, na urbe picoense.....	53
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS.....	58

1. INTRODUÇÃO

A formação dos espaços urbanos com fins sociais e de lazer não é novidade nos tempos contemporâneos e nem de endereços geográficos isolados, mas se trata de um atendimento natural que vai se ajustando à vida cotidiana das comunidades, que vão se formando com o tempo, à medida do seu crescimento populacional, da sua expansão residencial e de órgãos representantes de instituições públicas e privadas. Assim é que as cidades vão se desenvolvendo e, com elas, as necessidades de serem instalados locais de distração, encontros e recreações para o povo que compõe esse ambiente citadino.

Durante as décadas de 1980 e 1990, a cidade de Picos – Piauí possuía diversos espaços de lazer e sociabilidade, como a Praça Félix Pacheco, o cinema Cine Spark, a Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios, o Picoense Clube, danceterias, boates, dentre outros espaços. A historiadora Priscila de Moura Ribeiro (2014) explica que esses locais de lazer e sociabilidade eram frequentados por pessoas de todas as idades. No entanto, em alguns deles havia restrições econômicas, sociais e etárias para acessibilidade dos pretensos frequentadores. Esta citada pesquisadora não mencionou a existência de restrições de gênero, nos espaços dessa urbe, o que nos instigou a questionar a possibilidade dessa limitação, já que isso ocorreu no período das décadas de 1940 a 1960, como nos informa os estudos da historiadora Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira (2014).

Dessa forma, nosso trabalho enfatiza a figura feminina em relação à liberdade de frequentar os locais de lazer de Picos nas décadas sobreditas. Nesse sentido, visamos analisar quais eram os espaços ocupados pelas mulheres da cidade picoense, em relação à sociabilidade da vida urbana no âmbito temporal dos dois decênios finais do século XX, haja visto as percepções e/ou memórias sensitivas instigadas pelos espaços de sociabilidade.

Com base no exposto, iremos tecer uma investigação específica para o estudo das representações urbanas, a partir da ótica feminina no recorte temporal proposto. Porquanto, acreditamos que as diferentes formas de liberdades femininas impostas à época promoviam percepções e memórias distintas do viver urbano, nos múltiplos espaços da urbe. Essa hipótese se baseia nos estudos de Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira (2014) e de Maria de Fátima de Moura Santana (2018), tendo em vista suas diferentes abordagens acerca das formas de liberdade feminina na sociedade picoense no transcorrer do século XX. Dessa forma, Oliveira (2014) destaca uma condição feminina diferenciada na sociedade picoense das décadas de 1940 a 1960, enquanto Santana (2018) aponta para a diminuição das sociabilidades em um dos

principais logradouros públicos de frequência feminina, a Praça Félix Pacheco, na década de 1990.

Planejamos analisar as representações sensíveis sobre os espaços de sociabilidade feminina na cidade de Picos – Piauí, nas décadas de 1980 e 1990, a fim de percebermos as percepções e/ou memórias sensitivas instigadas por estes. Tencionamos assim, identificarmos os espaços e ambientes de sociabilidade onde havia restrição ou pouca visitação de mulheres, apontar os espaços com frequen a predominantemente feminina e, caracterizar as práticas cotidianas desenvolvidas nesses lugares, tendo em vista as represent es sensíveis dos espaços sociais picoenses, por meio de uma memória gustativa, auditiva e olfativa.

Para o alcance dos objetivos, acima citados, fizemos uso de variadas fontes. As principais destas referem-se às entrevistas com moradoras da referida urbe: Nega Maz ¹, Gertrudes Maria de Jesus Oliveira², Maria Bernadete de Carvalho Almondes³, Maria dos Remédios Oliveira de Sousa⁴, Maria do Carmo Meneses de Aquino⁵, Rosa Araújo Soares Correia e Oliveira⁶ e, Maria Benicia Lima⁷. Também se tem o acervo imagético da cidade de Picos, que engloba aqui as décadas de 50, 60, 70 e 80 do século passado; os jornais, como *O Macambira*, *Folha Picoense* e *O Picussuruba*; as poesias do autor J. Erivelto M. de Souza (1995) e dos autores Heraldo Santos (1985), Genilda Barbosa e Mundica Fontes; os relatórios (Projeto Rondon); e o Código de Postura Municipal de Picos.

Acreditamos que as entrevistas são imprescindíveis ao exercício de se perceber os lugares ocupados pelas mulheres, bem como as percep es e memórias sensitivas produzidas nesses espaços de sociabilidade, enquanto os jornais se constituem significativas fontes por conter informa es mais precisas acerca desses espaços de sociabilidade.

1 Maria José Alves do Nascimento nasceu em 3 de janeiro de 1944 (76 anos), professora inativa, ou seja, não exerce mais a profissão, trabalhando atualmente na coordenadoria de políticas públicas para mulheres de Picos – Piauí, natural da cidade de Oeiras – Piauí, residente em Picos desde o dia 26 de dezembro de 1965, sendo naturalizada com título de cidadania.

2 Gertrudes Maria de Jesus Oliveira nasceu em 17 de março de 1953 (67 anos), professora da rede pública estadual aposentada, natural da cidade de São Julião – Piauí, veio morar em Picos ainda quase criança, com mais ou menos 12 anos de idade.

3 Maria Bernadete de Carvalho Almondes nasceu em 30 de setembro de 1962 (58 anos), professora aposentada da rede estadual de ensino na cidade de Picos – Piauí, natural da cidade de Francisco Santos– Piauí, residente em Picos desde a década de 80.

4 Maria dos Remédios Oliveira de Sousa nasceu em 21 de junho de 1962 (58 anos), professora na cidade de Picos – Piauí, natural e residente da referida cidade.

5 Maria do Carmo Meneses de Aquino nasceu em 02 de dezembro de 1952 (68 anos), professora aposentada na cidade de Picos – Piauí, natural e residente da referida cidade.

6 Rosa Araújo Soares Correia e Oliveira nasceu em 22 de agosto de 1961 (59 anos), assistente social na cidade de Picos – Piauí, natural e residente da referida cidade.

7 Maria Benicia Lima nasceu em 24 de abril de 1969 (52 anos), professora, natural e residente da cidade de Picos – Piauí.

A respeito da coleta dos relatos orais, vale ressaltar que a psicóloga Ecléa Bosi (2003) nos sugere vários passos de como realizar uma entrevista oral. Para termos bons êxitos, ela nos orienta que antes de começarmos esse diálogo técnico, é de grande relevância que o entrevistador possua o máximo de informações possíveis sobre o assunto em questão, para formular as perguntas e estimular o entrevistado na hora das suas respostas.

E foi assim que prosseguimos nossa pesquisa. Colhemos o máximo de fontes e informações possíveis, que nos ajudaram a incitar as memórias dos nossos entrevistados, ajudando-lhes a lembrar momentos vividos por eles nas décadas que já se passaram.

Também é oportuna a reflexão de que as informações das senhoras entrevistadas se enquadram na importância da oralidade informativa, cujo valor para uma pesquisa é assunto investigativo em Sônia Freitas (2006, p. 18), ao explicar que “História Oral é um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana”, servindo de material em diferentes situações indagativas em quaisquer assuntos que requeiram informações, especialmente, na ausência ou na escassez de registros escritos, pintados, esculpidos ou fotografados.

Além disso, também contempla o nosso aparato empírico, algumas fontes secundárias, como as monografias e teses. Esses textos nos deram suporte bibliográfico para identificar os ambientes picoenses de sociabilidades, entre essas obras, destacam-se: *Cine Spark: memória, lazer e sociabilidade em Picos (PI) nas décadas de 1960 e 1970*, de Aylla Mara Caminha Luz (2012); *Juventude e lugares de sociabilidade na cidade de Picos (Década de 1980)*, de Priscila Moura Ribeiro (2014); *A Amélia multifacetada: as representações femininas na cidade de Picos nos anos de 1940-1960*, de Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira (2014); *A Teologia da Libertação: analisando a história dos movimentos religiosos e sociais da Diocese de Picos – Piauí na década de 1980*, de Rinária da Costa Martins e Sabrina de Oliveira Feitosa (2018); e *Praça Félix Pacheco: Memória, Lazer e Sociabilidade em Picos (Década de 1990)*, de Maria de Fátima de Moura Santana (2018).

Para analisar essas fontes, dialogamos com autores que desenvolveram estudos sobre os campos temáticos de história e cidade, história e memória, história e gênero e história oral. Fizemos uso das reflexões de Raquel Rolnik (1995) para entendermos melhor a definição do que é cidade, onde a autora aborda sobre a ideia de que cidade é vista como um ímã, onde cria um campo magnético que atrai, reúne e concentra as pessoas.

Conforme a autora, o nascimento das primeiras cidades acabou por aproximar as pessoas de forma bem atrativa, surgindo-as, na grande maioria das vezes próximo de rios, templos

religiosos, onde fosse possível uma melhor convivência, atraindo cada vez mais pessoas para viver em coletivo, proporcionando uma melhor condição de vida.

Sendo assim, compreendemos a cidade a partir de duas dimensões. A de *ímã*, atraindo as pessoas para habitá-la, e a dimensão *escrita*, pois, através da arquitetura de cada cidade é possível ler suas histórias e eternizá-las (ROLNIK, 1995).

Consideramos, tal como Michel de Certeau (2008), que o espaço é um local que possui vivências, contendo histórias, por onde as pessoas passam e caminham. É com os passos que uma rua se torna habitável ou não.

Dessa forma, trabalharemos com a concepção de Sandra Pesavento (2007), entendendo-nos que a cidade não é construída apenas pela materialidade, mas também da sensibilidade e sociabilidade construída em torno dessa materialidade. A cidade é um *ethos* urbano, podendo ser visível, sensível e imaginária, sendo possível percebê-la além do dito, da escrita, focando nos sentidos produzidos, como os sons, os cheiros e os gostos que a cidade emite, o silêncio que ela mostra.

A cidade se revela por meio da percepção de sentimentos e emoções dadas pelo viver urbano, sendo sensível e imaginária a partir de sua atribuição de sentido, na qual sabemos que existe, mas não podemos ver e nem tocar, apenas sentir. É a cidade que não se vê, apenas se escuta e percebe pelos cheiros.

Alain Corbin (1987) vem relatando um pouco das percepções olfativas que assumiram uma posição de primeira amplitude no imaginário coletivo dos séculos XVIII e XIX, na Europa, onde os cheiros que antes passavam quase que despercebidos agora tornaram-se incômodos e, mais do que isso, começaram a provocar horror frente a sociedade.

A pesquisadora Mariana Corção (2007), é uma destacável referência de abordagens temáticas sobre memória gustativa. Ela ressalta em seus estudos que a memória gustativa está relacionada com o cotidiano dos indivíduos, das pessoas. O ato de se alimentar é entendido como uma espécie de ação que inclui vários aspectos sociais, como a economia, a tradição, nutrição, sendo considerado uma camada histórica.

Dado as percepções de sentidos sobre a cidade encontradas nos escritos de Raquel Rolnik (1995), Michel de Certeau (2008), Sandra Pesavento, Alain Corbin (1987) e Mariana Corsão (2007), faremos uma análise sobre a memória gustativa, auditiva e olfativa dos espaços da cidade picoense, tendo em vistas as atribuições de sentidos que se produz em torno destes.

A contribuição destes citados autores, cujas publicações somam conteúdos a esta pesquisa, bem como de outros que compõem as referências ao longo do texto, se evidencia pelo interesse de exploração da temática sobre assuntos urbanos, que, entre outros aspectos,

informam o desenvolver de um povo em determinados espaços de tempo, na culturalidade e nos ajustes que as modernidades oferecem às posteridades.

Nos estudos sobre história e memória, dialogamos com a autora Ecléa Bosi (2003), que sugere os caminhos teóricos para se abordar a dimensão da memória, aludindo o antagonismo entre lembrança e esquecimento. Nesse sentido, a autora nos instiga a pensar a memória a partir de seus potenciais histórico-sociais, tais como a recuperação e a inspiração.

Como há várias possibilidades reflexivas para a redação deste trabalho, dada a temática que ele aborda, importa atentar para as questões de gênero, visto que elas sempre participaram das construções sociais, como assim se verifica em Amílcar Torrão Filho (2005), e este manejando em suas anotações trabalhos de Joan Scott, Maria Beatriz Nizza da Silva e Michele Perrot, para a afirmação de que os conflitos entre o universo masculino e o feminino devem ser analisados e compreendidos além da politização do assunto, mas levando-se em conta os tantos contextos civilizatórios e socioculturais que escrevem a história da humanidade.

E se aqui há a declaração historiográfica de uma referência geográfica e social, que é a cidade piauiense de Picos, situando as pesquisas nas décadas de 1980 e 1990, Sônia Freitas (2006) nos ajuda a explorar os valores da oralidade na elaboração de estudos sobre um lugar e um povo, e os registros de determinadas sociedades, a partir dos relatos de quem conviveu no espaço geográfico investigado e herdou informações de outros personagens que viveram ou tomaram conhecimento da história, possibilitando diferentes visões e percepções sobre o mesmo fato.

A reconstrução de um determinado contexto geográfico e social é um objeto de interesse constante para as investigações no campo da História. Nesse sentido, por meio de diferentes recursos de informação e descrição, são resgatados cenários, ocorrências, paisagens humanas, a fim de se traçar um panorama histórico-geográfico dos objetos de investigação.

A cidade de Picos justifica o alinhamento aos avanços que se impõem sobre o mundo social da contemporaneidade, a partir da sua localização geográfica, cujo entroncamento rodoviário favoreceu a integração da “Cidade Modelo” com diversas regiões do país, adotando os valores que a modernidade traz à população local, seja pelo meio de divulgação que for.

As mulheres picoenses viveram essas mudanças e se integraram ao mundo social em todas as áreas. Contudo, elas passaram por diferentes formas de liberdades e restrições, impostas pelos espaços de sociabilidade picoense, tendo em vista os princípios de exclusividade ou prioridade masculinos, produzindo a partir disso diversas percepções e memórias sensitivas acerca dos espaços de sociabilidade.

Num alinhamento investigativo, reflexivo e textual com a temática em abordagem, este trabalho está dividido em dois capítulos. O primeiro tem por título **“Os espaços de sociabilidade feminina em Picos – Piauí, nas décadas de 1980 e 1990”**, onde identificamos os principais espaços de sociabilidade picoenses, com suas restrições ou pouca participação feminina, além de apontar os locais com frequência predominantemente de mulheres, haja visto as produções de sentido construídas pelas percepções e/ou memórias sensitivas instigadas por estes espaços de sociabilidades.

Já o segundo capítulo tem por título **“Representações sensíveis dos espaços de sociabilidade na cidade de Picos – Piauí”**, expondo as representações sensíveis dos espaços sociais picoenses, por meio de uma memória gustativa, auditiva e olfativa, e discutindo as práticas cotidianas que a população local desenvolvia nesses espaços, obviamente, no recorte temporal dos decênios 1980/1990.

2. OS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE FEMININA EM PICOS – PIAUÍ, NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990

As diferentes informações sobre a cidade de Picos a traduzem conforme as distinções de suas épocas, apresentando uma história multifacetada. É diante dessa perspectiva que nos propomos a construir uma análise sobre os espaços de sociabilidades femininos na cidade de Picos – Piauí, nos decênios de 1980 e 1990. Porquanto, consideramos que a Igreja Sagrado Coração de Jesus, a Catedral de Nossa Senhora dos Remédios (Igreja Matriz), a Praça Félix Pacheco e o cinema Cine Spark se configuravam como os locais sociais mais frequentados pelas mulheres, mesmo que de acordo com a permissão dos seus pais, tal como investigaremos ao longo deste capítulo. Nessa parte de nosso estudo também vamos discutir os espaços da alta sociedade (Picoense Clube, AABB, Samambaia Campestre Clube e Lá em Casa), considerados por nossas entrevistadas; os espaços “proibidos” às mulheres; e, a luta feminina em Picos, para ocupar espaços sociais, até então negligenciados a elas.

Face ao tradicionalismo/patriarcalismo a priori que nos conduz a investigar os espaços de sociabilidade femininos, de acordo com a consideração acima tecida, a pesquisadora Priscila Moura Ribeiro (2014) apresenta em seus estudos sobre os anos 1980 uma juventude picoense mais ligada a massa moderna, conectada com as novidades da música e dos comportamentos sociais mais liberais nos namoros e nos modos de se divertir, já tirando das moças a submissão rigorosa aos pais, como até então se registram sobre os costumes tradicionais de Picos. Dessa forma, os anos 1980 na cidade de Picos era marcado por percepções tradicionais e liberais acerca do universo feminino, moldando assim diferentes formas de liberdades e restrições impostas à figura das mulheres.

A historiadora Maria de Fátima de Moura Santana (2018) também dirige sua ênfase de investigações sobre os espaços sociais de Picos, tomando por ponto referencial a Praça Félix Pacheco, da década de 1990, quando as suas pesquisas verificam na sociedade picoense uma diminuição das movimentações neste citado logradouro, como uma percepção de que os espaços de entretenimento nos ambientes públicos picoenses estavam perdendo terreno para novidades, como a televisão e o próprio crescimento da zona urbana, cujas possibilidades de encontros sociais se proliferavam noutras partes da cidade, além-centro tradicional.

Nestas sobreditas décadas, como certamente em anteriores, havia em Picos também as danceterias, boates, festas populares em barzinhos, bingos e rifas dançantes, e bailes nos clubes. Estes espaços funcionavam mais no turno da noite, por conta disso não eram bem vistos pela sociedade e pouco frequentado pelas mulheres, principalmente as casadas.



Imagem 2: Foto da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Picos, 1950.
Fonte: LEÃO, 2008.



Imagem 3: Foto da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Picos, 2020.
Fonte: CONHEÇA..., 2020.

Conforme as imagens acima (1, 2 e 3), percebemos que a Igreja do Sagrado Coração Jesus – conhecida popularmente como Igrejinha – é atualmente reconhecida como Patrimônio Histórico e Cultural da cidade de Picos pela lei de tombamento N° 266/2017 (BARROS, 2017),

tendo sido conservada em sua originalidade arquitetônica durante esses 30 anos que se transcorreu entre as imagens (de 1950 a 2020). Ainda conforme o registro fotográfico da imagem 2, alude-se que a Igrejinha se constituía como um ambiente propício para as sociabilidades entre os idosos, as crianças e até mesmo os jovens, quando estavam exercendo suas práticas religiosas.

O jornal *Meio Norte*, na edição de 15 de março de 2013, publicou em seu trabalho impresso uma matéria sobre a história do referido templo católico, representação-primaz da religiosidade histórica e sociocultural da população picoense, informando em sua redação a seguinte afirmação:

Erguida entre os anos de 1827 e 1830 pelos portugueses Borges Leal e Borges Marinho, a Igrejinha do Sagrado Coração de Jesus é uma espécie de símbolo para a população picoense, independente do credo professado. Dominando a visão de quem trafega pela Avenida Getúlio Vargas, o tempo é administrado pelo Apostolado da Oração e se constitui no prédio mais antigo da cidade. (IGREJINHA..., 2013).

Sendo administrado pelo Apostolado da Oração, a Igrejinha lançou em 2017 a Revista *Caminhos do Coração: Apostolado da Oração – 120 anos (1817-2017)*, em comemoração aos 120 anos de administração. Ao fazer alusão a história da fundação, a revista conta com o depoimento de Maria Lélis, presidenta do apostolado de 1978 até os dias atuais. A revista também traça uma linha do tempo da administração do apostolado: Silvina Maria de Macedo (1897-1920), Maria de Sousa Petrola (1920-1922), Sinharia Monteiro (1922-1933), Maria de Alencar Stopelli (1934-1949), Teresa Leopoldo Albano (1949-1978), Joana Alves Costa (1978) e Maria Domini Leopoldo Lélis (1978-2020) (DAMASCENO, 2017).

Percebemos com isso que a administração do apostolado é constituída por mulheres, ou seja, entre as décadas de 1980 e 1990 este se configurava como um dos principais laços de sociabilidade femininos. Maria Bernadete de Carvalho Almondes (2021), em entrevista para esse estudo, também menciona sua participação, e de tantas outras mulheres, nas festas de padroeiro da cidade de Picos, tal como os festejos do Sagrado Coração de Jesus, ocorridos durante 30 dias de fé e devoção no mês de Junho.

2.2 A Catedral de Nossa Senhora dos Remédios

Na contemporaneidade, a maior expressão do catolicismo em território picoense, que também é parte da história local, é a Catedral de Nossa Senhora dos Remédios, sede da diocese de Picos, de onde o pároco da catedral assiste aos fiéis que compõem a citada igreja.



Imagem 4: Matriz de Nossa Senhora dos Remédios, Picos, 1960.
Fonte: ACERVO..., 2012.



Imagem 5: Catedral de Nossa Senhora dos Remédios, Picos, 2020.
Fonte: DANTAS, 2018.

A igreja Matriz (imagens 4 e 5) está localizada à Praça São Justino, 27, no bairro São Sebastião, no centro da cidade, rodeada pela Rua Raimundo Duarte, Rua Padre Madeira e atrás a Rua Padre Cícero. Ao seu redor estão as edificações da Rádio Cultura FM e do Centro de Pastoral Diocesano, contendo também áreas residenciais e comerciais. As imagens apontam que, assim como a Igrejinha, a Matriz conserva sua originalidade histórica, sendo tombada como Patrimônio Histórico e Cultural da cidade de Picos, conforme a Lei Municipal N° 266/2017 (BARROS, 2017).

Dada a intensa religiosidade picoense, sobretudo na cristandade católica, o espaço da igreja Matriz, que formalmente é catedral, por Picos ser sede diocesana, é visto como um ambiente social, principalmente feminino, sendo o principal ponto dos encontros religiosos do povo picoense.

Nesse cenário, a mulher tinha uma majoritária participação em todas as funções e cargos desempenhados por leigos dentro desse templo religioso católico. A exemplo disto, a senhora Rosa Araújo Soares Correia e Oliveira (2021) mencionou, em entrevista para este trabalho, que sua tia assumiu um cargo importante, trabalhando para ajudar na reforma da igreja. A entrevistada Maria do Carmo Meneses de Aquino (2021) também mencionou que sua mãe era catequista e ela frequentava muito a missa, tendo até um tipo de roupa certa para participar desse ambiente. Maria Bernadete de Carvalho Almondes (2021) é mais uma de nossas entrevistadas a relatar sua participação nas missas da igreja Matriz, ela recorda que, juntamente com seu Grupo de Jovens – que se reuniam às quartas-feiras na Paróquia de São Francisco de Assis, localizada no bairro Junco – ela inseria-se nas festas de padroeiros ocorridas na cidade de Picos, tal como os 7 dias de festejos de Nossa Senhora dos Remédios. A igreja, portanto, constituía-se como um refúgio feminino, que configurava a possibilidade de sair do espaço da casa, onde, muitas moças se viam prisioneiras dos cuidados dos pais.

De acordo com a entrevistada Rosa Araújo Soares Correia e Oliveira (2021), o calendário festivo tradicional da cidade de Picos tinha como ponto alto a comemoração da padroeira da catedral, Nossa Senhora dos Remédios, sobretudo através das quermesses. Segundo ela, eram nove noites de comemoração. Às vezes, as festas da igreja eram levadas para o Picoense Clube, que era considerado um local de respeito, investido de muita dignidade – e do qual comentamos mais abaixo neste capítulo – tendo o objetivo de arrecadar fundos para a manutenção da Catedral.

Maria de Fátima de Moura Santana (2018), em seus estudos, aponta que a Catedral de Picos fica perto da Praça Félix Pacheco, o que fazia com que ambos os endereços recebessem as movimentações de pessoas, no ir e vir do dia a dia comercial e, dos entretenimentos noturnos. Embora este último ponto já se mostrasse em clara e franca decadência.

Em se tratando da presença feminina na igreja Matriz, ela deu-se com muita intensidade nas décadas de 1980 e 1990, devido a abertura da Igreja Católica para a valorização da participação dos leigos, pois eles tinham uma atuação muito forte nos movimentos promovidos por essa instituição religiosa, efervescidos pelas Comunidades Eclesiais de Base – CEBs, cuja prática evidenciava o que estava propagado pela Teologia da Libertação⁸.

⁸ Em 2018, as acadêmicas do Curso de História, pela UESPI/Picos, Rinária da Costa Martins e Sabrina de Oliveira Feitosa, elaboraram o seu trabalho de conclusão de curso – TCC sob a temática *A Teologia da Libertação: analisando a história dos movimentos religiosos e sociais da Diocese de Picos – Piauí na década de 1980*, em cujo conteúdo monográfico estão explicações sobre o que fora esse movimento mais social que religioso, que juntava catolicismo e marxismo no âmbito litúrgico da Igreja Católica, situando as pesquisas na realidade de Picos, com destaque para a década de 1980 (MARTINS; FEITOSA, 2018).

As mulheres passaram a participar mais do dia a dia e da liturgia da igreja, exercendo funções na catequese, atuando como catequistas, membros de grupos de jovens, cuja escassez da presença masculina foi mais uma razão para elas dirigirem as reuniões, segundo o relato da depoente Gertrudes Maria de Jesus Oliveira (2020).

Sobre a relação entre as mulheres e as diretrizes da Igreja Católica, Rinária da Costa Martins e Sabrina de Oliveira Feitosa (2018) identificaram uma realidade que fala da participação feminina nos trabalhos eclesiais do catolicismo em Picos, mas registrando que esse fenômeno ocorreu no mundo inteiro.

De acordo com estas sobreditas pesquisadoras, a valorização das atividades exercidas por mulheres dentro da igreja cresceu significativamente, a partir da segunda metade do século XX, não necessariamente por conta da Teologia da Libertação, mas por uma constatação de maior presença feminina nas atividades sociais do mundo moderno, que estava abrindo mais espaço à figura feminina em todas as áreas da sociedade.

Isso ocorreu também no catolicismo, embora administração, sacerdócio e episcopado e cargos no Vaticano sejam ainda reservados aos homens, de forma exclusiva.

2.3 A Praça Félix Pacheco

As imagens 6, 7 e 8 retratam outro ponto de atração popular no espaço urbano de Picos, denominado Praça Félix Pacheco, bem no centro da cidade, construída entre a década de 1940 e 1950 e passando por várias reformulações históricas desde então:



Imagem 6: Foto da Praça Félix Pacheco, Picos, no final dos anos 1970.

Fonte: ACERVO..., 2012.



Imagem 7: Foto da Praça Félix Pacheco, Picos, 1980.
Fonte: ACERVO..., 2012.



Imagem 8: Praça Félix Pacheco, na década de 1990.
Fonte: Revista Informativo 1995.

Importa registrar neste texto que nos anos decenais entre 1940 e 1950, ocorreu a construção da Praça Félix Pacheco, cuja obra tornou-se um marco histórico nesse período. Por

um tempo, ela foi o único jardim público da cidade, conseguiu se ajustar nas funções de área comercial e residencial, além de ser local de lazer para o povo de variados gostos, idades e condições sociais. O uso dessa praça como espaço de lazer e sociabilidade ocorria, geralmente, aos finais de semana, a partir das sextas à noite, entrando no sábado e domingo.

Num olhar investigativo sobre a Praça Félix Pacheco, situando-o já nas décadas de 1980 e 1990, Maria de Fátima de Moura Santana informa que:

Podemos ressaltar que a Praça Félix Pacheco conseguiu acumular durante vários anos as funções de área de lazer, centro comercial e área residencial, era nela onde se podia observar de forma mais intensa o viver na cidade e o se portar nela. Era ao redor ou bem próximo da praça, que estavam os mais variados estabelecimentos. Podíamos encontrar: sorveteria, bares, o Banco do Brasil, Igrejas, o Mercado Público, hotéis, lojas de variados tipos e em especial o cinema. (SANTANA, 2018, p. 28, 29).

Tal como podemos notar na imagem 9, as vias de acesso à sobredita praça são a Avenida Getúlio Vargas (para quem vem da Igreja do Sagrado Coração de Jesus em direção ao Centro de Picos), a Rua Coelho Rodrigues (para quem vem do Bairro São Vicente ou Cruzeiro, em direção ao Centro), a Travessa Urbano Eulálio (para quem está no Mercado Municipal e deseja ir ao Banco do Brasil), a Travessa Lourenço Pereira (para quem está no Mercado Municipal em direção à Avenida Getúlio Vargas) e a Rua Luís Santos (que interliga a Praça Félix Pacheco à Praça Josino Ferreira, também conhecida como Praça dos Correios).

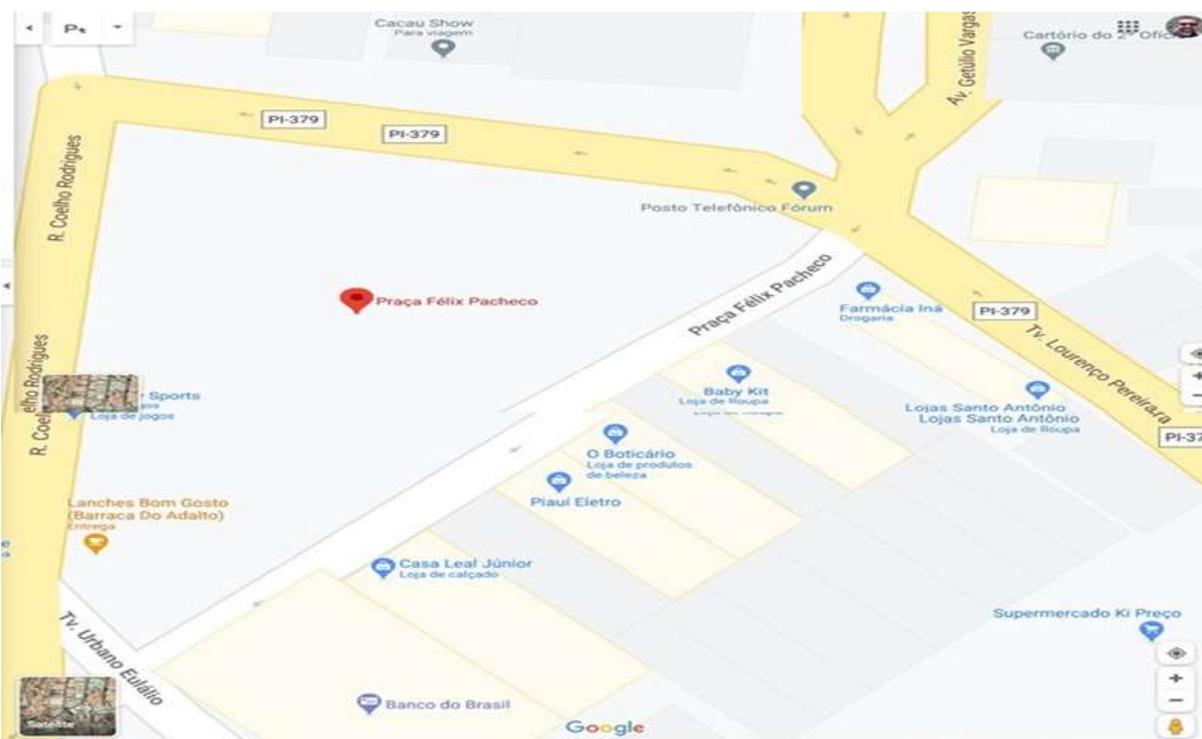


Imagem 9: Localização das ruas que circundam a Praça Felix Pacheco, Picos, 2020.

Fonte: GOOGLE MAPS, 2020.

Localizada no centro da cidade, havia em seu entorno área residencial e comercial, como pode-se notar ao analisarmos a imagem 8. Embora as mudanças arquitetônicas transcorridas historicamente entre as décadas de 1970, 1980 e 1990, tal como nas imagens, é perceptível que a área era maior que o atual e continha, ao longo de suas mudanças – e não simultaneamente – todos os elementos tradicionais de uma praça: coreto, poço artesiano, tanques, arborização de portes diversos, canteiros, gramado e bancos. Além disso, os registros apontam a praça como um importante espaço de sociabilidade em Picos, como alude os escritos de Duarte (1995, p. 36), que faz menção à praça nos anos de 1950: “Havia sempre movimentação na praça nos fins de tarde e à noite. Nas manhãs de domingo o movimento crescia, mas era nas noites dos sábados e dos domingos que a praça se enchia de gente e de cores”.

No Abrigo funcionava um bar no térreo, que era aberto durante o dia e à noite, no andar de cima, era o local reservado para festas que aconteciam nas noites de finais de semana, onde os rapazes e as moças se divertiam, dançavam, flertavam e namoravam.

Como pode ser visto na imagem 7, o bar Abrigo é esse prédio que fica bem no centro da praça, que está ao lado direito da palmeira, em primeiro plano e, atrás da coluna com placas comerciais onde se pode ver no alto o anúncio do armazém Paraíba.

Os adolescentes adoravam frequentar o bar Abrigo, tendo o hábito de subir para o salão, ou seja, para a parte de cima, e ficar observando o movimento na praça, mesmo nos dias em que não havia festa, pois este logradouro era um espaço permanentemente agitado. Nesse sentido, a senhora Rosa Araújo Soares Correia e Oliveira (2021) relata que ela, assim como muitos dos que frequentavam o espaço da praça com ela, utilizava muito o Abrigo, pois ela, assim como os outros, gostava muito daquele primeiro andar, sendo o lugar para onde ela ia após passear pela praça e/ou retornar da missa de domingo na Catedral (igreja Matriz) para tomar sorvete. Assim, a sobredita menciona que o Abrigo era um lugar de encontro, sendo importante salientar que ela era membro de uma família abastada, como veremos no item 2.4 desse estudo.

Na praça também tinha um poço artesiano, também conhecido como chafariz, que ficava com a água subindo e descendo, segundo a entrevistada Maria Benicia Lima (2021). Ao se recordar, ela diz ter tirado uma foto nele durante o desfile de 07 de setembro, mas sua tia a perdeu. Eufórica e aos risos, ela também recorda-se de ter sofrido uma queda durante a fotografia: “lá tinha o chafariz né assim com a água subindo e descendo, eu fui um desfile no dia 7, minha tia mandou o fotografo lá tirar a foto e eu fui, vai pra trás, vai pra trás, cai dentro do chafariz, eu fiquei muito triste”. Ela também recorda-se dos calçadões no período de

carnaval, pois sua avó a levava, juntamente com os demais netos, para assistir ao desfile das escolas de sambas e eles aguardavam as atrações nesses calçadões, que ficava ao lado do Cine Spark: “no tempo do carnaval era minha vó que levava nera mamãe não, levava os neto pra assistir desfile de escola de samba, era naquele lado lá do cine Spark que a gente ficava naqueles calçadões lá esperando passar as escolas de samba”. Segundo ela, sua avó até hoje conta sobre a divisão da praça, em que de um lado ficavam os mais pobres e de outro os mais ricos, porém ela diz não ter presenciado essa época: “A minha vó até hoje conta que a praça no tempo dela era dividida o lado do rico e o lado dos pobres, mas eu não cheguei a saber disso no meu tempo não, eu só sei a história dela contar porque gosto muito de ouvir ela contar história do tempo dela nova”.

Na década de 1960, a praça era um espaço em que a distinção social era bem definida, como mostra os estudos da autora Karla Íngrid Pinheiro de Oliveira (2014) e o relato de Maria Benicia Lima (2021) sobre sua avó. De acordo com a autora, nesse período, os rapazes e moças de camada social mais baixa, que não tinham dinheiro, iam para a praça apenas para observar a movimentação e as mulheres da alta sociedade que, geralmente, andavam bem vestidas. Maria Benicia Lima (2021), que pertencia a um grupo social mais modesto, também indica-nos tal característica, lembrando que suas idas à praça ocorriam em períodos festivos, em que ela e sua família iam observar a movimentação.

Além disso, desde a década de 1960, os pais, com seus olhares atentos, monitoravam os passeios realizados pelas moças na Praça Félix Pacheco, eles observavam as companhias e seus comportamentos. Os pais eram rígidos em relação a liberdade de escolhas das suas filhas, não usufruindo elas do livre-arbítrio para decidirem com quem andar e até mesmo com quem se casar (OLIVEIRA, 2014).

A senhora Rosa Araújo Soares Correia e Oliveira (2021) elenca a continuidade desse comportamento nas décadas de 1970 e 1980, mas menciona memórias que, mesmo ainda sendo parte integrante desse padrão normativo da sociedade picoense, são mais flexíveis e modernas. De acordo com ela, após seus 18 anos, em 1979, e através de todo um processo de negociação com a família – que ditava as regras de sua sociabilidade – ela e outros casais de namorados marcavam encontros na praça Félix Pacheco, que ela julga ser o coração da cidade, para de lá saírem rumo ao Picoense Clube, para a danceteria ou para o cinema.

A partir dessa dimensão patriarcal, Karla Íngrid Pinheiro de Oliveira (2014) e a entrevistada Rosa Araújo Soares Correia e Oliveira (2021) atestam que mulher, entre 1960 e 1980, era vista como um sexo frágil, sem autonomia, tendo que contar com a presença masculina ao seu lado para tomar suas decisões.

No entanto, a entrevistada Maria do Carmo Meneses de Aquino (2021) também nos atesta outra realidade vivenciada pelas relações de gênero no espaço de sociabilidade da praça. Enquanto recém viúva na década de 1980, ela menciona ser esse um espaço de lazer para ela e suas filhas, sendo onde elas passeavam juntas, sem a presença de nenhuma figura masculina, era apenas ela, com uma filha nos braços e mais duas gêmeas segurando sua mão.

Nos estudos de Cristina Nunes (2014), há uma ênfase de informações que descrevem mudanças na sociedade mundial, a contar da década de 1960, nas mais distintas referências das quais se possam falar, o que marcou cenários urbanos de diversos países, a exemplo do Brasil. A presença feminina nos terrenos da arte, da cultura, da educação, da política e dos meios de comunicação audiovisuais está entre essas mudanças, que já se mostravam significativas no século XIX, mas que se intensificaram desde então.

A pesquisadora Clara Slava de Carvalho Iwanow (2016) também compartilha da ideia de que a modernidade do século XX, em diante, foi um período dinâmico de alterações no modo de vida das mulheres. Essas mudanças no âmbito feminino teriam ocorrido a partir das vestimentas, que foram perdendo volume de roupas, e esta diminuição se manteve por todo os decênios da segunda metade do referido século.

Amílcar Torrão Filho (2005) tomou por base histórico-reflexiva e literária trabalhos de Joan Scott, Maria Beatriz Nizza da Silva e Michele Perrot, para falar que os movimentos feministas, que exigiam igualdade de gênero, chamavam a atenção para as próprias discussões sobre a mulher na sociedade, cujas expressões de rebelião aos costumes e às diretrizes de um sociedade patriarcal, machista e até misógina estão nas indumentárias e na liberação sexual, como o uso de calças, shorts, minissaias, pílulas de combate à gravidez não esperada ou até indesejada, opção pela vida independente, entre outros exemplos.

Estas discussões sobre gênero também chegaram a Picos, ainda no início da década de 1980, por meio de um movimento social feminista, que discutiremos mais adiante. Apesar dessa luta organizada, de algumas mulheres da cidade, as descrições que se fazem da sociedade picoense, na segunda metade do século XX, ainda destacam um terreno provinciano, com a modernidade se infiltrando lentamente na realidade local.

Na Praça Félix Pacheco da cidade de Picos dos anos 1980, os sons de conversas paralelas, gritos de crianças correndo, músicas nos bares, pessoas se movimentando, pássaros cantando, garantiam uma dinâmica que se alinha a pontos reflexivos que se leem em *Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias*, de Sandra Jatahy Pesavento (2007). Ou seja, esta historiadora sugere que podemos perceber a cidade sensível e imaginária que Picos possui, através dos sons que determinados lugares emitem.

Uma cidade que vai além do concreto, que é percebida pelos odores, sabores, formas, pelos pequenos detalhes que muitas vezes passam por despercebidos a sua volta, e que apenas com um olhar do flâneur como ressalta Michel de Certeau (2008), que caminha pela cidade atento a tudo e todos pode ser percebido e apreciado.

Embora não com os mesmos detalhes, mas com a similar essência descritiva, assim era Picos nos decênios de 1980 e 1990, ajustando as mudanças do cotidiano às inovações que chegavam ao acesso, senão de todos, mas de parte dos moradores do lugar.

Neste ponto importam os estudos de Roberto Lobato Corrêa (2000), quando ele nos faz pensar, a cidade de Picos, na década de 1980 e 1990, como cenário das relações intrínsecas entre os hábitos rurais e urbanos. Esse autor também nos leva a crer que devemos imaginar esta urbe como um espaço articulado e fragmentado, no qual é composto por diferentes usos da terra, sendo que esse recinto foi elaborado e consumido por meio de agentes espaciais que tem ações complexas, levando a um processo constante de reorganização espacial, que integram diferentemente as diversas partes da cidade.

Os agentes espaciais estão representados pela população do lugar, com suas idas e vindas e com suas práticas cotidianas, sendo que estas se mostram em dinâmicas alterações. Neste aspecto, e com base no relato oral da senhora Nega Mazé⁹ (2020), em entrevista para esse estudo, podemos somar às sobrescritas anotações, as exalações de fumaças de carnes que nas beiras das ruas pessoas em Picos assavam para vender.

O aroma da carne assando ao fogo, junto com um saneamento escasso ou deficiente, à época em questão, se juntava ao fedor de esgotos nos escoadouros que se espalhavam pelas ruas da cidade, fragrâncias variadas de perfumes usados pelos indivíduos, e cheiros maravilhosos que saíam das comidas vendidas por diferentes pontos do Centro de Picos, como churrasco, mingau maranhense, aluar de massa de milho doce, pipoca, sorvetes, entre outras coisas.

As marcas dos avanços econômicos e da modernidade arquitetônica, ao longo do tempo, transformaram a região que contorna a Praça Félix Pacheco num espaço estritamente comercial, com prédios modernos, edifícios para os mais diferentes movimentos no setor de serviços, tal como pode-se analisar pela imagem 8.

Foram extintas as casas de moradia familiar e, as poucas que restam, dividem espaço com o comércio nas proximidades da praça. Antes se encontravam residências e pontos comerciais, já na década em estudo as residências quase não existiam mais e no calçadão havia os casarões que hoje resta muito pouco, dando lugar a ambientes estreitamente comerciais. As

⁹ A entrevistada Maria José Alves do Nascimento é mais conhecida na cidade de Picos, como “Nega Mazé”. Portanto, faremos referência ao seu depoimento a este trabalho, usando seu apelido.

décadas de 1980 e 1990 já registravam esse fenômeno, tanto que as novas edificações da contemporaneidade nesse local são construções sobre outras já também comerciais.

Várias mudanças ocorreram em relação à utilização do espaço da Praça Félix Pacheco durante a década de 1990, pois anteriormente a praça era um local de passeio e afetividade para os moradores de Picos que durante todos os dias da semana tinham o hábito de frequentar a Praça. Já na década de 1990 a Praça era frequentada por na maioria das vezes quando acontecia algum evento ao seu entorno como, o carnaval e desfiles das escolas de samba, as concentrações políticas, que promoviam atrações anuais que conseguiam chamar a atenção da população e cidades vizinhas, como ressalta a autora Maria de Fátima de Moura Santana (2018).

A Praça Félix Pacheco dos anos 1990 se mostra de uma maneira diferente da dos anos de 1970, pois ocorreram diversas mudanças provocadas em nome do processo de urbanização, como se pode notar ao analisarmos as diferenças entre as imagens 6 e 8. São notórios os sinais da transformação estrutural, como a troca do abrigo pela fonte jorrante, a introdução dos canteiros, o aumento significativo de lojas ao seu redor e a presença constante de variados automóveis em seu entorno.

A autora Maria de Fátima de Moura Santana (2018) nos salienta que na década de 1990 a cidade de Picos já havia passado por diversas mudanças socioeconômicas e culturais, o centro da cidade estava com um aspecto mais urbano e na Praça Félix Pacheco ocorreram transformações físicas e estruturais, mas continuava sendo um local de encontros para a população, pois como já foi ressaltado, aconteceram muitos eventos da cidade nesse espaço público ou em seu arredor.

Mesmo com o passar dos anos e as mudanças de hábitos sofridas pela população picoinense, esse logradouro público continuou sendo um local de sociabilidade e lazer.

2.4 O Cine Spark

De acordo com os registros de Priscila Moura Ribeiro (2014), a cidade de Picos no decorrer dos anos 1930 a 1980 contou com três cinemas – Cine Odeon, Cine Guarany e Cine Spark – para tornar a vida de seus cidadãos mais prazerosa, onde eles tiveram acesso a diversas obras artísticas daquela época.

Ainda nos idos de 1934, mais um espaço de sociabilidade ocupou o Centro de Picos, na área de entretenimento, que foi o Cine Odeon, o primeiro cinema. Construído pelo Sr. Lousinho Monteiro, localizado onde está na contemporaneidade o prédio de esquina que encerra a Travessa Lourenço Pereira e inicia a Avenida Getúlio Vargas, destacado pela popularidade da Farmácia Iná (ver imagem 9). No mesmo espaço, instalou-se o Cine Guarany, pertencente ao

Sr. Domerval Moreno. Já no ano de 1964, a cidade se alegra com a chegada de um terceiro cinema, o Cine Spark, que cessou suas atividades funcionais no ano de 1989.

O cine Spark ficava localizado em frente à Praça Félix Pacheco como pode ser visto nas imagens 10 e 11, ao lado do edifício onde atualmente se encontra a Unimed, sendo na época, o ponto de encontro da juventude.

Como pode-se reparar nas imagens a seguir, a própria localização do cinema era bem projetada, visto que estava colado a outros pontos de lazer e sociabilidade como bares e sorveterias, no qual, muitas vezes, favorecia a saída das pessoas de um local para outro em busca de um lazer por mais, ou, até mesmo, de outra forma de divertimento, como nos mostra a autora Aylla Mara Caminha Luz (2012).



Imagem 10: Foto do prédio onde entre 1964 e 1989 funcionou o Cine Spark, Picos, 1990.
Fonte: ACERVO..., 2012.



Imagem 11: Antônio José Varão na Praça Félix Pacheco, em frente ao Cine Spark.
Fonte: Arquivo pessoal de José Rodney Leal Brito.

As exhibições dos filmes no Cine Spark ocorriam diariamente, à noite, e aos fins de semana, constituído por duas sessões, uma às 19h e outra às 21h, como é informado numa edição do jornal Macambira, do dia 27 de outubro (PROGRAMAÇÃO..., 1978). O espaço do cinema não era utilizado apenas com a finalidade de assistir a filmes, mas também como um espaço no qual os jovens podiam encontrar seus amigos, namorados (as), num lazer relativamente fora dos olhares vigilantes dos pais.

Mas a convivência da cultura cinematográfica também dividia o espaço entre a convencional decência social, a lei, a desobediência, as normas jurídicas na prática local, e a essência do ambiente fechado de uma sala de cinema. Mesmo sob a visão conservadora dos costumes, as mulheres saíam de casa com a permissão dos pais para assistir a filmes, no qual muitas delas marcavam encontros amorosos, sabido que o escuro do cinema permitia uma maior aproximação entre as pessoas e, evidentemente, mais intimidade.

A autora Aylla Mara Caminha Luz (2012) nos confirma mais ainda o que foi exposto, quando relata:

Muitos casais, então, iniciaram seus namoros a partir do espaço do cinema, já que o destinavam não somente como local para o assistir dos filmes, mas também, ao utilizarem o pretexto de desfrutar das guloseimas vendidas no cinema, inclusive para agradecer seu par, acabavam iniciando seus romances. (LUZ, 2012, p. 55).

Entretanto, devido a sociedade picoense ser muito ligada a religiosidade e ao conservadorismo, para algumas pessoas, o cinema não era visto como uma boa influência para a moral e os bons costumes, ainda que aqui se esteja falando da década de 1980, e os conservadores tratam como prova o fato de que esse tipo de entretenimento proporcionou alterações de comportamento nas sociedades, inclusive em Picos, como destaca Karla Íngrid Pinheiro de Oliveira (2014).

As táticas de subversão da ordem apontada por Michel de Certeau (2008), podem ser vistas nas atitudes de resistências das jovens aos comportamentos exigidos pela sociedade, no recorte temporal proposto, burlando as normas e, marcando encontros às escondidas no ambiente do cinema, pois lá os pais não ficavam de olho no comportamento de suas filhas.

O cinema, a partir da década de 1980, passou a expressar o lazer noturno e uma suposta depravação, expondo em cartaz filmes que apresentavam violência, terror e pornografia, quase todos sob os cuidados da censura para menores de 18 anos. Nesse sentido, a senhora Rosa Araújo Soares Correia e Oliveira (2021), em entrevista para esse estudo, relatou que um senhor chamado de Todinho, dito por ela como inesquecível, era o responsável por checar as carteiras de estudante antes de se entrar para o cinema, averiguando a classificação etária, que de acordo com ela era chamada de censura na época, assim tinha a censura de 14 anos, 16 anos e 18 anos.

O pai da entrevistada Maria do Carmo Meneses de Aquino (2021), por exemplo, não deixava ela ir ao Cine Spark quando ela era muito jovem, isto é, antes de completar a maioridade, por volta de 1970, segundo a entrevista dela. Ela só passou a frequentar o espaço quando ficou mais velha, a partir da década de 1970, tendo completado seus 18 anos, acompanhada de sua irmã, geralmente indo acompanhar sua irmã nos programas de calouro que iam ao ar no sábado ou domingo à tarde – Maria não se recorda ao certo – pois sua irmã, Maria José Meneses cantava e ganhava prêmios nesse programa de calouros que tinha no Cine Spark.

Observando a publicação do jornal *O Macambira* do dia 27 de outubro (PROGRAMAÇÃO..., 1978, p. 19) é possível notar que houve a existência de indicação de faixa etária, chamada de censura na época, que permitia ao público, com idade maior que 10 anos, o acesso ao conteúdo exibido de forma restrita, tendo em vista as indicações de idade. Essa mesma matéria apresentou a programação de filmes no Cine Spark, com censura permitida para maiores de 18 anos, como por exemplo o filme “Sexo na Selva”, que foi projetado no período entre os dias 16 a 18 de novembro de 1978.

Mesmo com a checagem mencionada pela senhora Rosa Araújo Soares Correia e Oliveira (2021), aparentemente também havia uma dinâmica de burlo das leis, haja visto a presença de menores de idade, caracterizados por aqueles com a faixa etária entre 15 e 17 anos, pois nem todos respeitavam a censura, assim como evidenciou uma matéria do jornal *O Macambira*, edição de 31 de dezembro, onde o diretor do cinema, Antônio dos Santos, ressalta que havia “problemas como a presença de menores em filmes proibidos [...]” (O CINEMA..., 1982, p. 7).

Porquanto, considera-se que poderiam ser ouvidos pelo público, durante a exibição de filmes de ação, suspense e violência, o barulho de tiros, gritos de dor e, gritos de medo. Por vezes, sons estranhos, emitidos por algumas pessoas da plateia do cinema, como sussurros, masturbações, orgasmos e gemidos, sons embaraçosos poderiam ser ouvidos nas cenas de filmes com sexo explícito e, algumas vezes, acompanhados por movimentos de empolgação nas cadeiras, sendo às reações comuns dos expectadores na plateia, à mercê do tipo de filme exposto.

A senhora Nega Mazé (2020), em entrevista para esse estudo, relatou que a estrutura do cinema Cine Spark era suficiente para alojar a demanda da época, sendo um ambiente confortável, com cadeiras apropriadas e iluminação adequada. Seu esposo, o senhor José Geraldo do Nascimento, conhecido como Geraldo de Pedro da usina, era o responsável pela projeção dos filmes, possuindo outros funcionários auxiliares, como o Mazinho e o Zé Brasil.

A sobredita entrevistada também citou que havia funcionários destinados à realização da limpeza do local, sendo um espaço limpo e agradável, onde várias pessoas da comunidade

utilizavam para vender pipocas, bombons, chicletes, pastilhas de hortelã, refrigerantes, dentre outros produtos. Conforme as memórias da senhora Nega Mazé (2020), fica evidente que o Cine Spark era tido como um agradável espaço de sociabilidade, que oferecia entretenimento através dos gêneros cinematográficos e alimentícios, haja visto que este último possuía um caráter de divertimento para além da sua função de alimentar.

Segundo Maria Benicia Lima (2020), na frente do cinema tinha um mural de vidro para colocar os filmes em cartaz. A saída era pela lateral, e no pátio, localizado na parte da frente, vendia-se lanches. A bilheteria ficava do lado de fora também, aí quando entregava o bilhete e entrava para o cinema tinha-se que escolher qual o lado de sentar, pois a entrada não dava acesso aos dois lados, como nos mostra a imagem 12 abaixo:

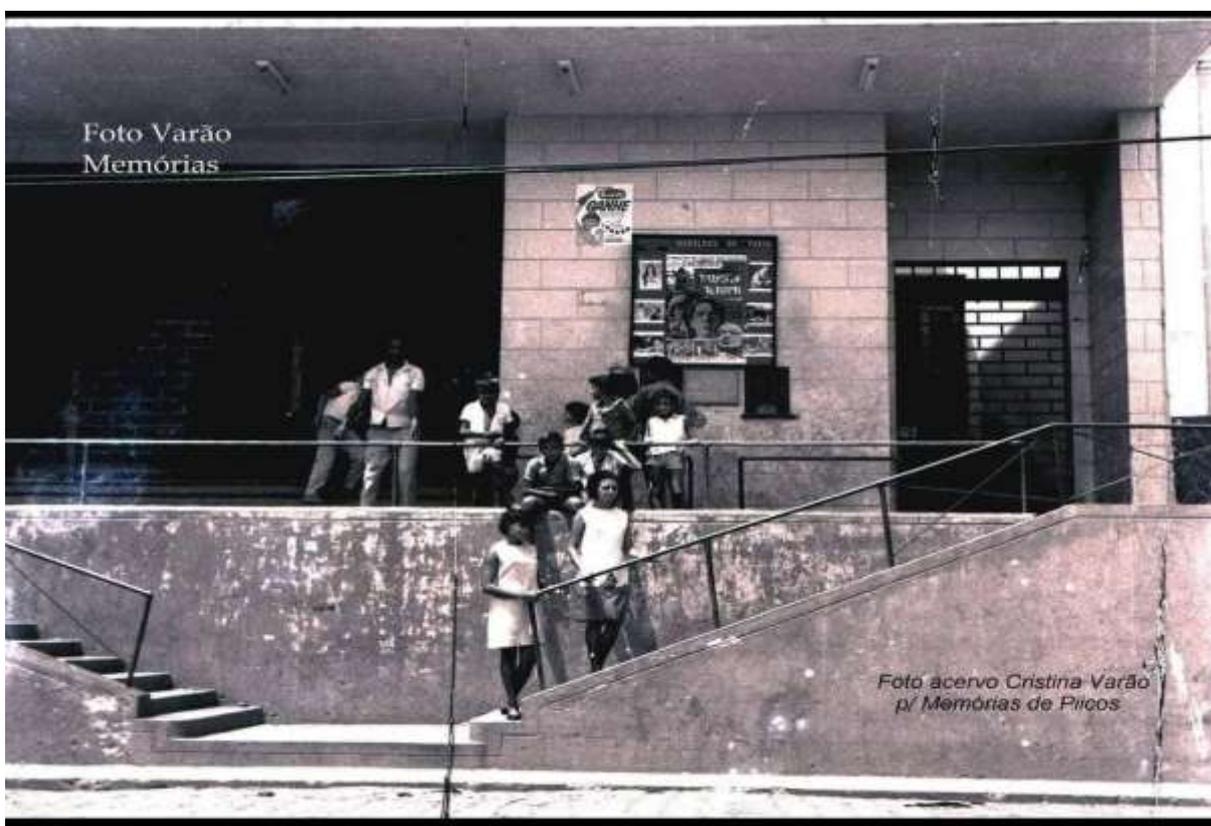


Imagem 12: Foto do Cine Spark, inaugurado em meados dos anos de 1960, complexo cultural que envolvia o calçadão e a Praça Félix Pacheco.

Fonte: Acervo Cristina Varão/Museu Ozildo Albano/.

No Cinema Cine Spark continha uma tela panorâmica chamada cinemascope, o espaço era bem ventilado e capacidade para cerca de 700 pessoas, chegando muitas vezes a ser completamente ocupado. Além do mais, o ambiente era tido como bem desenvolvido, sendo elogiado pela acústica que apresentava dentro dele, permitindo aos espectadores assistirem os

filmes com uma boa sonoridade que, para muitos era considerada excelente por ser de alta qualidade, como informa Aylla Mara Caminha Luz (2012) em seus escritos.

Ao longo da década de 1980, além do cinema, a juventude de Picos contou com um novo espaço de sociabilização, propiciado através da televisão, que começou a ganhar espaço. Esse fato foi verificável a partir de um noticiário no jornal *O Macambira*, de 31 de dezembro, onde expressa que “A televisão, criada na década de 50, tem sido uma das maiores concorrentes do cinema. Ela proporciona um certo comodismo por parte das pessoas, já que possuindo o aparelho torna-se desnecessário sair de casa para divertir-se” (O CINEMA...,1982, p. 7). No entanto, este se constitui mais como um espaço de diferenciação social, pois o alto custo para se obter um aparelho de televisão, em contrapartida ao valor de médio-custo dos ingressos para o cinema, acabou tornando este um espaço apropriado pelas minorias. Sob essa ótica, o hábito de lazer público, de sair para assistir filmes no cine, passa a ser privado, pois as pessoas com maiores condições acabaram por ficar entusiasmadas com as programações exibidas pela TV, ficando mais em casa do que saindo para a rua.

Nesse sentido, a senhora Nega Mazé (2020) relata em sua entrevista que o fechamento do Cine Spark, atrelado à chegada da televisão, foi um pretexto da época, que serviu para justificar a decadência do cinema, afirmando que a chegada da TV apenas colaborou para o seu fechamento. Segundo ela: “a TV foi uma novidade irresistível de fato, essa questão colaborou para o fechamento”, mas a entrevistada atrela o fechamento do cinema ao desenvolvimento, pois “quando mal planejado, a tecnologia repentina só prejudica a população de baixa renda, diminui os espaços sociais”. Por conta disso, muitos funcionários perderam seu emprego, dentre eles o esposo da entrevistada, José Geraldo do Nascimento, assim como muitos outros pais de família, nas palavras da sobredita: “nós sofremos as consequências”.

No jornal *O Macambira*, edição de 31 de dezembro de 1982, o diretor do cinema Antônio dos Santos aponta alguns motivos que contribuíram para o fechamento do cinema, como: exigência do governo na exibição de filmes nacionais, sendo que o público tinha preferência por filmes estrangeiros; presença de menores em filmes proibidos; problemas de áudio; estrutura física precária do cinema; a maioria do público que frequentava o cinema exigia filmes de violência e pornografia; falta de cultura do povo; e, em último caso, a televisão, que foi uma das grandes concorrentes do cinema, ela proporcionou um comodismo às pessoas, para quem possuía o aparelho não era necessário sair de casa para se divertir (O CINEMA..., 1982, p.7).

E ainda de acordo com a referida matéria, outro motivo que teria levado ao fechamento do cinema seria as difíceis condições econômicas dos picoenses, pois “[...] pensa-se também em termos de economia, pois “cinema está caro”, conforme afirma o estudante José Maria” (O

CINEMA..., 1982, p. 7). Nota-se que nem todos tinham condição financeira de ir ao cinema, pois o ingresso não era acessível a todas as camadas sociais. Conforme a senhora Rosa Araújo Soares Correia e Oliveira (2021), na entrevista concedida a este estudo, havia a prevalência da carteirinha de estudante, no qual quem a possuísse pagava apenas “meia entrada”, isto é, metade do valor do ingresso. Contudo, este também era um recurso que demandava um certo valor financeiro, pois a carteira de estudante havia de ser renovada anualmente, pagando uma taxa e tirando uma nova foto 3x4 e nem todos podiam pagar por essa manutenção.

Em Karla Íngrid Pinheiro de Oliveira (2014), há também uma discussão sobre o citado assunto. Esta pesquisadora ressalta que nem todos os indivíduos que moravam na cidade de Picos, nos anos 1940-1960, poderiam assistir aos filmes, pois a camada mais pobre da sociedade não tinha condições de pagar o ingresso. Estes, por sua vez, faziam uso de táticas como nos mostra Michel de Certeau (2008), praticando uma pequena revolução para assistirem as obras cinematográficas.

Entre essas táticas estava o fato de que algumas pessoas ficavam espiando do lado de fora alguns instantes das exhibições dos filmes, quando as cortinas da sala de exposição, que podiam ser vistas, balançavam no momento em que uma pessoa entrava ou saía da sala. E, mesmo aqueles que não faziam uso desse subterfúgio, também consumiam indiretamente esse produto cultural por meio dos jovens que podiam assistir ao filme, e que no outro dia contavam como foi para quem não teve acesso.

Em se tratando das condições econômicas da população de Picos, situando a pesquisa na década de 1980, Fernando de Sousa Cruz (2017), em sua monografia para o Curso de História, investigou a realidade da seca que assolou quase todo o Nordeste, entre 1979 e 1985, o que, seguramente, contribuiu para a limitação do poder aquisitivo do contingente populacional de Picos e das adjacências.

Obviamente, trata-se de uma causa externa aos propósitos do cinema, mas a decadência se acentuou nesse período, e o fenômeno da seca obrigou as pessoas a ajustarem suas formas de distração, já que tão logo a estiagem tenha cessado, as turbulências políticas e econômicas do Brasil entre 1986 e nos anos 1990 mantiveram o país em situação difícil e com um nível elevado de pobreza e desigualdade social.

Agregado a isso que foi exposto, a autora Aylla Mara Caminha Luz (2012) nos leva a observarmos que as precárias condições estruturais do cinema tais como seu aspecto visual, a deficiência da acústica, a chegada da televisão e os problemas com as cadeiras que não estavam mais confortáveis como antigamente, colaboraram para que o Cine Spark fosse, aos poucos, perdendo público, se tornando apenas um local de lembranças nas memórias daqueles que

frequentaram quando ainda era um espaço de lazer, diversão, entretenimento e de sociabilidade onde os jovens se encontravam.

Também é preciso registrar que a decadência do cinema não se tratava de uma realidade exclusiva de Picos, já que todo o Brasil acompanhava as mudanças da modernidade, com o crescimento das metrópoles, a tecnologia do entretenimento e da informação.

As novidades que surgiam para o divertimento do povo já não contavam mais com passeios nas praças e nem com as salas de cinemas para os encontros às escondidas.

A professora e historiadora Anita Simis (2016, p. 189) enfatiza o espaço cronológico entre 1980 até a metade inicial dos anos de 1990, para refletir sobre as crises socioeconômicas e a decadência do cinema no Brasil, quando ela conta que na citada época “houve uma queda brusca na produção cinematográfica nacional”. E, o cinema, vendo o esvaziamento do público, teve que se adaptar aos novos tempos, e suas exhibições “ressurgiram agora organizadas em um novo sistema de exibição – o Multiplex”, como a referente pesquisadora anota.

2.5 Os espaços da alta sociedade em Picos: Picoense Clube, AABB, Samambaia Campestre Clube e Lá em Casa.

Segundo as memórias da senhora Rosa Araújo Soares Correia e Oliveira (2021), o Picoense Clube, AABB, Samambaia Campestre Clube e a danceteria Lá em Casa se configuravam como espaços mais frequentados pela alta sociedade picoense, “sendo um lazer totalmente seletivo e privilegiado”, em suas palavras. Destes, o lugar de menor acessibilidade geográfica era o Samambaia Campestre Clube, que ficava na BR-407, S/N, km 10, Povoado Samambaia, Picos-PI, como sugere seu nome, seguido pela AABB, localizado na BR 316, já o Picoense Clube e a danceteria Lá em Casa ficavam localizados no centro da cidade de Picos-PI.

A respeito dessa seletividade, Maria Benicia Lima (2021) relata que não conhecia a AABB, pois era um espaço de ricos e, por não fazer parte da classe mais alta da sociedade, ela diz ter conhecido apenas o Clube dos Professores na época, que fica localizado na Avenida Doroteu Neres- Paraibinha, Picos-PI. Maria Bernadete de Carvalho Almondes (2021) também diz ter frequentado apenas o Clube dos Professores, a piscina do Colégio das Irmãs (IMH), pois fazia parte do Grupo de Jovens Católico, e a boate Lá em Casa, que era um dos pontos de encontro do domingo após as missas. Raramente ela e sua turma iam ao Picoense Clube e ao Samambaia Campestre Clube.

Rosa Araújo Soares Correia e Oliveira (2021) menciona que para frequentar esses espaços de lazer primeiro era necessário preparar as roupas e os calçados a serem usados, pois

eram lugares que demandavam um certo padrão de vestimenta. Isso ocorria tendo em vista que, por exemplo, só tinham acesso ao Picoense Clube as pessoas que possuíam recursos financeiros. Isto é, as famílias mais abastadas, já que para entrar tinha-se que pagar um significativo valor de entrada, ou possuir carteira de associado, que se pagava por mês, como era o caso do avô da entrevistada, que possuía dois títulos no Picoense Clube, por ser sócio fundador do espaço. Esses títulos eram ações de propriedade emitidos pela diretoria do Picoense clube. Dessa forma, as pessoas que frequentavam o clube eram todas de famílias conhecidas entre si, raramente era vista uma pessoa estranha ou que fosse de fora da cidade, a não ser pela “hora do miserável” nos shows, como veremos mais abaixo.

Com esses títulos, a entrevistada Rosa Araújo relata que ela e sua família participavam do réveillon, das quatro noites e duas matines de carnaval, do arraial, das festas de natal, casamento, formatura, aniversário e de todas as festas públicas, e do seu meio privado, realizadas no espaço. Ela também menciona que essa era uma época em que as festas não eram tão comuns como hoje e as mesas eram compradas com antecedência. Ou seja, se tinha todo um preparo, além de ser um espaço seletivo e privilegiado de sociabilidade. As crianças e adolescentes só podiam participar das matines de carnaval, mas em festas de casamento, formatura e aniversário, como as de 15 anos. Era comum ir a família completa, pois estas eram consideradas festa familiares. E, por isso, costumavam começar às 20h da noite e terminar às 22h ou, no máximo, até às 00:00h. As festas dançantes, como shows, que começavam às 22h e se estendiam até o outro dia, eram reservadas às pessoas maiores de 18 anos, e as mulheres deveriam estar acompanhadas de seus pais, familiares ou namorado. A exemplo disto, Maria Benicia Lima (2021) afirma que só frequentou o Picoense Clube depois dos 18 anos, pois seu pai não deixava. Ela conta que nem mesmo para trabalhar lá, num bingo que haveria, seu pai não deixou, pois era à noite e ela era “moça de família”.

A senhora Rosa Araújo Soares Correia e Oliveira (2021) afirma também ter participado de muitas festas de carnavais e bailes de formatura na AABB, além de ter frequentado os “embalos” de sábado à noite no Samambaia Campestre Clube, e os bailes da danceteria que se chamava Lá em Casa – nas sextas à noite, sábado à tarde e domingo pela manhã, visto que ela também possuía carteira de associado da danceteria – no auge da moda das discotecas e danceterias. Nesses lugares, a entrevistada, após seus 18 anos e um grande processo de negociação com a família, costumava ir com o namorado, grupos de amigos e turmas de casais. E, segundo ela, todo mundo tinha que ter dinheiro na carteira para as comidas e bebidas, embora ela nunca tenha consumido bebidas alcoólicas. Geralmente não era permitido a entrada de mulheres desacompanhadas nesses espaços, como era o caso do Picoense Clube, onde se entrava com o pai e a mãe, o namorado (sendo maior de 18 anos) ou a família inteira, como o

avô de Rosa Oliveira fazia no sobredito clube. Para a sobredita entrevistada, se tratava de uma sociedade totalmente assentada no patriarcalismo, no machismo, no sexíssimo e na misoginia.

Rosa Araújo Soares Correia e Oliveira (2021) também menciona em sua entrevista que nesses espaços de diferenciação social, sobretudo nos shows do Picoense Clube, também era comum haver a “hora do miserável”, referente ao momento do lazer em que é liberado a bilheteria. Entre as 3 e 4 horas da madrugada, quando aproximava-se o final da atratividade, era comum abrir os portões para que todas as pessoas pudessem frequentar àquele espaço. Como esta já era uma tradição bastante conhecida nos espaços de sociabilidade picoense, ao abrir dos portões havia-se um enorme número de pessoas aguardando para fazer sua entrada no que, até as horas supracitadas, era um espaço seletivo e privilegiado.

Rosa Araújo Soares Correia e Oliveira (2021) também menciona se tratar de uma época em que o índice de criminalidade era baixíssimo e por isso as pessoas se sentiam à vontade e tinham a segurança de voltar a pé, em turma, desses espaços de sociabilidade. Segundo ela, as pessoas iam para suas casas no amanhecer do dia, todos juntos, turmas inteiras de amigos e namorados, numa caminhada que consistia em ir deixando os outros em suas casas até chegar na sua. De acordo com a entrevistada, era uma logística completamente diferente dos dias de hoje, embora ainda se tenha esse costume, mesmo que não seja tão comum quanto antes.

2.6 Espaços “proibidos” às mulheres e a luta feminina em Picos

Pelo que se lembra Rosa Araújo Soares Correia e Oliveira (2021) em sua entrevista, um dos espaços que as mulheres não podiam tradicionalmente frequentar era os bares. Segundo a entrevistada, elas recebiam orientação em casa sobre haver lugares que não deveriam ir, caso fossem convidadas, e um deles era os bares. Segundo Maria do Carmo Meneses de Aquino (2021) em sua entrevista, nem mesmo ir buscar os maridos nesses lugares era aceito. Os maridos inclusive brigavam, pois as mulheres destes lugares eram vistas como levianas.

De acordo com Rosa Araújo Soares Correia e Oliveira (2021), as mulheres que frequentavam esses espaços de sociabilidade eram conhecidas como “boêmias”. Elas dançavam, cantavam e bebiam “até dizer chega, assim na cara dura”, nas palavras da sobredita, que completa dizendo que esse tipo de comportamento, que hoje é visto sem restrições, não era um comportamento considerado adequado na sua época, “de forma nenhuma”. Rosa Araújo Soares Correia e Oliveira (2021) diz ter preconceito com barzinhos e pontos de prostituição, pois afirma ter sido educada assim e, portanto, tem isso “entranhado”, “encucado” dentro de si;

mas também diz respeitar todos e dá como exemplo a ajuda prestada por ela a uma amiga da igreja, por essa não saber ler e escrever, no seu barzinho e ponto de prostituição.

Maria Benicia Lima (2021) também não frequentava bares. Ela se quer, lembra da existência desses espaços de sociabilidade. Para ela o que se tinha eram serestas nas ruas. Ela diz já ter assistido essas serestas na rua São Pedro, mas nunca foi até a praça Félix Pacheco para ouvi-las, pois não podia. No máximo ela ia até o pátio das igrejas quando tinha bandas, visto que naquela época essa prática de se realizar festas no entorno da igreja não era proibida.

Já Maria Bernadete de Carvalho Almondes (2021) relata que os barzinhos eram os espaços de sociabilidade mais frequentados por ela. A entrevistada cita um bar de peixaria que havia no Bairro Junco e o Costela de Porco que fica localizado na Avenida Urbano Eulálio, 382-404-Conduru, Picos-PI, como os lugares que ela e sua turma frequentavam a fim de “tomar umas cervejinhas”. Ela também menciona que uns amigos dela eram proprietários de uns barzinhos mais para o centro da cidade, que ela também frequentava, às vezes. O único espaço que ela não frequentava eram os lugares chamados de “Casa da Luz Vermelha”, pois não eram lugares reservados às mulheres e homens direitos. Entendemos por essa Casa da Luz Vermelha, os pontos de prostituição.

Sobre esses espaços que as mulheres não deveriam frequentar, Rosa Araújo Soares Correia e Oliveira (2021) também menciona a Boate Saravá, localizada no bairro Catavento, perto de onde hoje são os restaurantes Serrano e Gaudêncio, ficando propositalmente escondida. Isso porque a boate era considerada como point preferido dos homens casados, que levavam as amantes para se divertir num lugar afastado da cidade, tendo assim uma má reputação. Entretanto, com o tempo a boate foi superando o preconceito e a discriminação. A entrevistada frequentou o espaço com um namorado, tendo gostado muito, segundo ela, até relatando recordar-se de uma carne muito boa que era servida lá.

Percebe-se então que as mulheres solteiras tinham acesso às diversões, no entanto, eram impostas muitas restrições, por parte da sociedade conservadora. De acordo com a senhora Gertrudes Maria de Jesus Oliveira (2020), em entrevista para esse estudo, era imposto às mulheres, adolescentes e jovens, o controle do horário, em relação as horas de idas e as horas de volta, quando se era permitido a sua saída. Havia muita cobrança de obediência dos pais para com suas filhas, pois, segundo a sobredita, devia-se “Obediência aos pais e maridos, lugar de mulher só em casa e na cozinha” e “Quem rompia os padrões era mal vista”. O cumprimento dos padrões que eram estabelecidos pela sociedade, como o de filha dedicada, virgem, dona de casa e recatada, era rígido.

A sexualidade feminina era ditada de forma conservantista, onde seus corpos estavam subordinados a um padrão conservador que se fazia presente também no âmbito familiar, como ressalta Karla Íngrid Pinheiro de Oliveira (2014, p. 95), em seu texto, referido aos anos de 1940-1960, expondo que “[...] Os papéis que a sociedade determinava para as moças eram os de boa filha, boa moça e virgem, para, posteriormente, casarem-se e tornarem-se boas esposas, boas donas de casa e boas mães [...]”. Portanto, esse pensamento conservador dos anos 1940-1960, perdurou até os anos 1980 e 1990, na sociedade da cidade de Picos – Piauí.

Entretanto, os filhos do sexo masculino tinham liberdade em todos os aspectos, sem nenhuma restrição. Por conta do diferente tratamento entre filhas e filhos, as jovens, do sexo feminino, chegavam a fugir ou saíam escondidas de casa, no qual, em seu retorno, sofriam violência física por parte dos pais, como ressalta a entrevistada Gertrudes Maria de Jesus Oliveira (2020), em sua entrevista para esse estudo: “Por esse controle diferenciado, as jovens às vezes fugiam e saíam às escondidas, e até sofriam violência dos pais na volta” e “Quem rompia os padrões era mal vista, principalmente quem era defensora de direitos iguais para homens e mulheres”.

A senhora Nega Mazé (2020), relatou que as mulheres casadas não poderiam frequentar espaços de diversões se não estivessem acompanhadas do seu marido. A figura do homem era soberana em relação à mulher, tendo em vista que até as roupas usadas pelas mulheres eram escolhidas pelo seu marido. A função primordial da figura feminina era a reprodução, o cuidado do lar, a confecção de vestimentas para a família, onde seu direito a diversão se restringia a execução das tarefas domésticas e a formação dos filhos. A entrevistada Nega Mazé (2020), ainda ressalta, que “[...] o casamento era como se você morresse, seu espaço era só o espaço de dendi casa [...]”.

A mulher era considerada como propriedade do marido, sendo seu corpo o meio utilizado para satisfazê-lo, de acordo com a realidade em que se encontrava, assim como analisa Michele Perrot, citada por Karla Íngrid Pinheiro de Oliveira (2014), onde diz que “[...] o corpo das mulheres não lhe pertence. Na família, ela pertence a seu marido, que deve ‘possuí-la’ com sua potência viril. Mais tarde, a seus filhos, que as absorvem inteiramente” (PERROT, apud OLIVEIRA, 2014, p.101). As mulheres eram vistas apenas como uma forma de objeto, para satisfazer as vontades dos seus pais, do seu marido e posteriormente dos seus filhos, não possuindo um livre arbítrio.

Ambas as entrevistadas, Nega Mazé (2020) e Gertrudes Maria de Jesus Oliveira (2020), em seus relatos, ressalta que os costumes impostos pela sociedade no comportamento das

mulheres eram caracterizados pela firme obediência aos pais e esposos, pela limitação em relação a frequentar espaços diferentes da sua casa, e por ter o direito ao estudo negado.

Em 1972 os recursos disponíveis para uma boa formação educacional, na cidade de Picos, não supriam as necessidades demandadas pela sociedade, como aponta o relatório do Projeto Rondon (BRASIL, 1980, p. 66). Além disso, muitos pais de família nessa época tinham um pensamento muito duro, fruto da cultura patriarcal ao qual as sociedades brasileiras estão inseridas, segundo seus diferentes graus. Assim, o patriarcado continuou enraizado na mente das pessoas, principalmente os mais velhos, onde achavam que o lugar da mulher não era em uma escola, ou universidade, mais sim em casa, cuidando do lar. Esta é muito mais que uma caracterização do passado, é reflexo de nossa formação, de quem fomos e ainda somos nos dias de hoje, pois apesar de todos os direitos adquiridos na contemporaneidade, somos um país culturalmente patriarcal.

Por mais que o progresso chegasse a Picos, como os Campus Avançados, especializados na formação profissional, empreendido pelo Projeto Rondon, o direito ao estudo era negado a muitas mulheres, e aquelas que quebravam as barreiras impostas pela sociedade, pois muitas visavam um estudo, uma formação profissional, não eram bem vistas na sociedade.

Assim como também não lhes era permitido trabalhar fora de casa, pois, as mulheres que rompia os padrões impostos pela sociedade eram mal vistas, principalmente, àquelas que defendiam direitos iguais para homens e mulheres.

Por conta da intensa aplicação dos padrões normativos impostos pela sociedade, havia mulheres que resistiam a esse modo de vida, no qual colocavam as suas predileções em prática durante a realização dos seus atos, sem se preocuparem com opiniões alheias, como narra Karla Íngrid Pinheiro de Oliveira (2014, p. 116) ao expor que “Com efeito, algumas moças se subjetivavam, de modo a fugir dos padrões normativos, e levavam suas vidas de acordo com suas escolhas; não se preocupavam muito com o julgamento da sociedade em que viviam [...]”.

Diante da intenção de igualdade entre homens e mulheres, a figura feminina passou a buscar meios que proporcionassem a concretização de tal vontade. Em 1983, na cidade de Picos, segundo o relato oral de Gertrudes Maria de Jesus Oliveira (2020), surgiu a UMP (União das Mulheres Piauienses), tendo como principal objetivo a promoção de eventos que levassem a uma consciência da discriminação, opressão e exploração em que viviam as mulheres dentro de uma sociedade machista, consumista e capitalista, que tudo se revertia a favor da classe masculina, enquanto as mulheres ficavam sempre na encolha.

À frente dessa União encontravam-se as senhoras Gertrudes Maria de Jesus Oliveira, assumindo o posto de diretora durante 10 anos, e Nega Mazé, onde desde 2013 está engajada na luta pela preservação de direitos femininos e pelo combate à violência contra a mulher.

Entre janeiro de 2013 e agosto de 2020, Nega Mazé assumiu a Coordenação Municipal da Mulher, um trabalho vinculado à Prefeitura de Picos, que trata exclusivamente de políticas para as mulheres que se encontram em condições vulneráveis, embora o universo feminino em geral esteja sob as atenções desta coordenação de políticas sociais.

A formação da UMP não ocorreu à revelia do panorama nacional do Brasil nos anos de 1980, em absoluto. Cynthia Andersen Sarti (2004, p. 35) investiga as lutas das mulheres desde a década de 1970 até a contemporaneidade do século XXI, enfatizando os grandes centros urbanos (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador e Brasília), seguindo nos anos adiante, e ela assegura que “o feminismo como um fenômeno que, embora enuncie genérica e abstratamente a emancipação feminina, se concretiza no âmbito de contextos sociais, culturais, políticos e históricos específico”.

Em entrevista para esse estudo, a senhora Gertrudes Maria de Jesus Oliveira (2020), relatou que a UMP (União das Mulheres Piauienses) defendiam o direito de igualdade entre os cônjuges, a garantia de assistência integral à saúde da mulher, a proteção da família, civil ou naturalmente formada, a criação da Delegacia da Mulher em Picos – PI, dentre outros objetivos, visando a libertação das mulheres tanto na sua conduta quanto na expressão das suas opiniões.

Tendo em vista a força apresentada pelas mulheres em tempos de supressão de seus direitos, onde eram vistas como figuras domésticas, que tinham seus espaços restritos, a mulher picoense, através de muita luta e resistência, busca garantir seus direitos, no âmbito social, econômico e pessoal, tendo sua autonomia resguardada e respeitada.

A exemplo das organizações femininas, formalizadas desde o século XIX, as mulheres picoenses não se acomodaram com as imposições advindas da sociedade, pois juntas criaram um movimento, a UMP (União das Mulheres Piauienses), adquirindo vez e voz diante das decisões relacionadas a seu cotidiano. Mas, canalizando este assunto para uma dimensão maior, interessa a esta pesquisa a informação de que:

O reconhecimento oficial pela ONU da questão da mulher como problema social favoreceu a criação de uma fachada para um movimento social que ainda atuava nos bastidores da clandestinidade, abrindo espaço para a formação de grupos políticos de mulheres que passaram a existir abertamente, como o *Brasil Mulher*, o *Nós Mulheres*, o *Movimento Feminino pela Anistia*, para citar apenas os de São Paulo. (SIMIS, 2016, p. 39).

A própria autora da sobrescrita citação reconhece que foram dezenas de movimentos que mexeram com as lutas feministas no Brasil e no mundo, sendo os anos decenais de 1980 marcados por manifestações de diferentes naturezas, acompanhados e até apoiados por órgãos internacionais, sistemas de comunicação e representações políticas e sociais. Daí se verificar a UMP como um movimento feminista aguerrido dentro do território de Picos.

3. REPRESENTAÇÕES SENSÍVEIS DOS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE NA CIDADE DE PICOS – PIAUÍ

Para Sandra Jatahy Pesavento (2007), a cidade é um *ethos* urbano, podendo ser visível, sensível e imaginária, sendo possível percebê-la além do dito, da escrita, focando também em sentidos, como os sons, os cheiros e os gostos que a cidade emite, o silêncio que ela mostra. Ela não é construída apenas pela materialidade, mas também pela sensibilidade e sociabilidade.

A cidade se revela por meio da percepção de sentimentos e emoções dadas pelo viver urbano, sendo uma cidade sensível e imaginária aquela responsável pela atribuição de sentido, na qual sabemos que existem, mas não podemos ver nem tocar, apenas sentir. E é justamente isso que iremos focar nesse capítulo, a percepção de quais eram os sabores, os cheiros e, os sons, mais frequentes nos espaços de sociabilidades picoenses.

3.1 Os sabores e odores agradáveis de outrora, na urbe picoense

Há um vínculo muito forte em relação a memória gustativa e memória olfativa das pessoas que habitaram a cidade de Picos-PI no século XX. Os cheiros das comidas eram capazes de trazer rapidamente na memória das pessoas uma lembrança do sabor que foi degustado anteriormente por elas, durante sua alimentação, seja na sua casa ou em algum espaço físico frequentado.

Reconhecendo a pesquisadora Mariana Corção (2007) como uma destacável referência de abordagens temáticas sobre memória gustativa, ela ressalta em suas anotações que a memória gustativa está relacionada com o cotidiano dos indivíduos, das pessoas.

O ato de se alimentar é entendido como uma espécie de ação que inclui vários aspectos sociais, como a economia, a tradição, nutrição, sendo considerado uma camada histórica.

Além disso, os comportamentos alimentares das pessoas refletem a influência das gerações passadas, que se contradizem com o que é ofertado no comércio dos gêneros alimentícios, pois em meio a tantas inovações e tradições se fixa no gosto alimentar.

Os espaços físicos de um lugar ficam marcados na memória dos seus visitantes ou clientes, através dos sabores e cheiros que ele transmite, fazendo com que se manifestem sensações naqueles que experimentam seu ambiente, tais sensações são expressões de uma boa memória gustativa.

Os acadêmicos Paola Stefanutti, Valdir Gregory e Samuel Klauck (2018) associam os sabores culinários de um lugar à identidade de um povo, que se apresenta ao mundo também pelas vias da gastronomia. E são estes escritores que afirmam em linguagem dissertativa:

As práticas, hábitos e/ou comportamentos alimentares envolvem além do ato de nutrir-se, todo o contexto sociocultural à mesa: o que, quando, onde, porque, a sequência dos pratos servidos, o tempo, o modo de preparo, quem prepara, os acompanhamentos e os comensais. Estes são elementos que constituem a ritualização à mesa e dão significados a essa prática social. Neste viés, compreende-se que as memórias gustativas e/ou memórias alimentares, não são aquelas ligadas necessariamente apenas ao sensorial, mas que perpassam os aspectos ligados à ritualização à mesa e as práticas alimentares, envolvendo não apenas aromas, sabores, sons, texturas, mas pessoas, lugares, acontecimentos, rituais de passagem, saberes, técnicas e práticas culturais. (STEFANUTTI; GREGORY; KLAUCK, 2018, p. 129).

Concordantemente com a citação acima foi que esta pesquisa investigou a Picos dos anos de 1980 e 1990, explorando, entre outras expressões, as marcas culinárias locais, analisando as práticas das pessoas comuns e com limitados poderes aquisitivos, bem como das camadas com um padrão de vida mais elevado e com posses para importar gastronomia ou até inventar a própria, o que, de todo modo, são traços de culturalidade.

Entre os decênios de 1980 e 1990, a população picoense desenvolvia várias atividades nos espaços de sociabilidade. A entrevistada Nega Mazé (2020), relatou que era comum pessoas se virem nas praças, nas festas populares, nos barzinhos, em exposições de danças, onde “bebiam bebidas alcoólicas, vinhos cinzentos e São João da barra”. Nesses espaços também havia “paqueras”, “flertava, namorava, conversava” e “comia carne assada, linguíça, mingau maranhense e aluar de massa de milho doce com coco e canela”¹⁰, sendo esses os costumes praticados reiteradamente pela população.

Em se tratando dos gostos, a culinária era algo bem presente no cotidiano das pessoas, onde os sabores permaneceram presentes em suas memórias. A entrevistada Rosa Araújo Soares Correia e Oliveira (2021) relatou que só em lembrar lhe dá água na boca. Ela se recorda que sua tia e avó eram doceiras. Além disso, nas festas juninas não podia faltar pamonha doce e salgada, canjica salpicada com canela, macaxeira, paçoca batida no pilão. Outra coisa que eles comiam bastante nas festas juninas e era muito gostosa, que ela “ama de paixão”, em suas próprias palavras, era a carne de sol.

A referida entrevistada recordou aos risos que naquela época sua avó “sabia fazer uma carne de sol como ninguém mais, que ela tem que ser toda desossada, ela tem que ser toda esticada, salgada, tratada, colocada no sol, virada inúmeras vezes, tem que ser vigiada por causa dos urubus, senão fica sem ela né”. A linguíça caseira de sua avó também era “maravilhosa”, lembra ela, pois “passava uma semana empendurada, enxugando dentro do quatro, dentro do quarto da despensa, com uma bacia embaixo que chama enxugar, que ela fica pingando a

¹⁰ Espécie de bebida muito antiga, mais que nos anos 1980 ainda era consumida pelas pessoas.

salmoura até fica enxutinha pra você comer ela assada com farofa”, segundo suas próprias palavras. Nessa época junina ela afirma que era costume comprar o mingau maranhense, feito com milho e coco, salpicado com canela, vendido nas noites da Praça Félix Pacheco por dona Cícera, que já faleceu, esse era “o famoso Chá de Burro”. No natal, ela recorda que seu avô comprava o peru seis meses antes, para engordar, com milho e farelo de comidas, “guardado lá, com água limpa e tudo na sombra dentro do chiqueiro e aí na véspera do natal minha tia embebedava ele com vinho por que o vinho vai amaciar a carne”. A entrevistada ainda menciona que todos, os familiares, “abandonávamos a casa pra não ver minha vó e meu avô matarem o peru de natal com a machadinha né, mais depois que ele tava todo assado, rodeado de farofa, na nossa mesa de natal, na famosa ceia de natal, bem que a gente gostava de comer, bem que a gente se interessava”.

Ao ir para o cinema, Rosa Araújo Soares Correia e Oliveira (2021) menciona as “iguarias” alimentares que faziam-se presente na praça Félix Pacheco, lembrando-se do pipoqueiro, “Zacarias, que já é falecido”; o carrinho dos “pastelões, enormes né, recheados” que ficavam em frente ao Lojão Paulista, e que acompanhavam as festas, apenas com cachorro quente, onde quer que fosse; e o quebra queixo do Enoque, “o Enoque também morava na rua São Pedro, já é falecido, o Enoque fazia o famoso quebra queixo né, que ainda hoje a gente encontra nas ruas de Picos, eu sou apaixonada, tem um homem que fica lá no Centro, pertinho da loja São Pedro, com a bicicleta encostada e o tabuleiro encima da bicicleta, eu já comprei várias vezes a ele”. A entrevistada também recorda dos sorvetes e picolés que eram vendidos em frente ao Abrigo, na Sorveteria Apolo 2, localizada onde já foi a Casa das Malhas, do lado da Baby Kit. Segundo ela, ali “também era um point” dos “casais de namorados quando vinha da igreja, da catedral, na missa de sete horas da noite, no domingo”, ela relata que já tomou muito sorvete lá, pois “via de regra a gente ia pra lá, sorveteria Apolo 2”.

Ao falar desses alimentos vendidos no entorno da praça, Rosa Araújo Soares Correia e Oliveira (2021) relembra o cheiro das vasilhas de mantimentos que ela e os amigos levava para as festas. Assim, ela menciona que o frango assado com farofa e o frango caipira possuíam um cheiro que “não é desse mundo não, é indescritível, fica para sempre gravado nas suas narinas”, nas palavras dela.

Para Maria dos Remédios Oliveira de Sousa (2021) a melhor recordação que ela possui é a do cheiro do pão bengala da Panificadora São José, que ela sentia sempre quando passava pela Avenida Getúlio Vargas, excepcionalmente quando entrava no referido estabelecimento. Além disso, ela também se recorda com especial atenção do mingau de milho e das laranjas

descascadas que eram vendidos na praça Félix Pacheco. Ela também cita os sorvetes, picolés, pipocas e cachorro quente vendidos na praça.

Já de acordo com a senhora Gertrudes Maria de Jesus Oliveira (2020), por fazer parte da população menos favorecida, sua alimentação era pouco variada, onde, rotineiramente, consumia, arroz, feijão, maria-isabel, baião de dois, costela bovina e uma pequena quantidade de frutas e verduras. Para Maria do Carmo Meneses de Aquino (2021), a carne também não era muita, devida às condições de vida. Então, as comidas mais frequentes eram o arroz com galinha e sopa com frango, tirados da própria criação de casa. Além disso, se comia muito couro de porco, além do mungunzá de sal, do mingau maranhense e costela bovina.

A entrevistada Nega Mazé (2020) também relatou que as degustações mais comuns, eram o mungunzá e a paçoca de carne seca feita no pilão, onde estavam sempre presentes na alimentação da sociedade, e nos locais de lazer.

Maria Benicia Lima (2021) se recorda do chorisco e do aluar, presente numa festa de Primeira Comunhão. O chorisco “era um doce preto, feito de sangue do porco”. Ela diz ser muito gostoso, mas é apenas uma memória gustativa, que “traz a recordação, mais é muito difícil hoje em dia alguém fazer, ou você encontrar pra comer”. O aluar é uma bebida bastante forte, feita do milho pisado e despejado num pote. Ela diz não se recordar como é feito de fato, “eu sei que era uma bebida forte, que a gente dizia assim: hoje eu vou beber”, pois segundo ela essa bebida era como a “cervejinha” de hoje em dia. Da praça, a entrevistada recorda-se do algodão doce e da pipoca. Sobre esse último, ela diz que: “A pipoca, meu deus do céu, quando eu ouvia o carrinho de pipoca, aquele cheirinho no ar, aí eu gostava muito, as pessoas corria para o pipoqueiro pra comprar pipoca”. Seu tio era quem comprava, e tinha que repartir entre todos os irmãos, pois seu pai não tinha muita condição.

Maria Bernadete de Carvalho Almondes (2021) alude, em sua entrevista, que as comidas mais atrativas naquela época eram o caldo de mocotó, a costela de porco e o bode assado. Ao falar disso, ela se recorda do espaço Bode Assado Pioneiro de Raimundo – localizado no bairro Junco, na Avenida Piauí, Picos-PI, e que ainda hoje funciona – mas menciona a raridade de suas idas até lá, pois era um espaço frequentado por quem tinha mais dinheiro: “lá pra Raimundo só ia quem tinha mais dinheiro né, era raro, porque lá num era pra gente”. Ela recorda-se também que as bebidas mais comuns eram a cerveja e a cachaça Pitú. Segundo ela, para “quem tomava cachaça, tinha muito o Pitu”.

Ao recordar-se das memórias gustativas e olfativas, Maria do Carmo Meneses de Aquino (2021) relembra as mudanças trazidas com o 3º BEC – Terceiro Batalhão de Engenharia e Construção – como é o caso das pessoas comendo do feijão mulatinho, enquanto o mais

comum era o feijão de corda, cultivado nas terras piauienses para a subsistência e o comércio. Ela também menciona que antes não se tinha tantas coisas exposta, como é o caso das comidas, assim como se tem hoje, “e o cheiro de comida quase num existia”, o cheiro de comida só era perceptível quando se chegava mais perto do mercado, sobretudo na feira, e o que mais lhe impactava era o cheiro de galinha e do bolo frito, assado no óleo de coco. Quando ia em sentido a praça Félix Pacheco o que mais lhe vem à mente é o cheiro de doce, pois “tinha o pirulito que eu amava aquele pirulito com sabor de limão [...] uns docinhos que tinha umas figura de pipo”, e tinha também o cheiro de açúcar queimado, vindo de umas bonequinhas comestíveis, que para ela era “a coisa mais gostosa do mundo”. O que ela também recorda, e de maneira bastante agradável, é da galinha ao molho pardo que sua mãe fazia para o almoço. Ela diz que ainda hoje quando vê o sangue da galinha ela só se lembra dessa época.

3.2 Os odores desagradáveis de outrora, na urbe picoense

As comidas eram caracterizadas pelos bons odores, cheiros agradáveis, que ficaram presentes na mente das pessoas ao longo do passar dos tempos. No entanto, havia também na cidade a presença de maus cheiros, como os dos esgotos a céu aberto e os de lixo que ficavam expostos nas ruas, onde, diante da situação, vários recursos foram buscados para cessar a presença desses cheiros desagradáveis na cidade, tendo como finalidade a limpeza das ruas.

Em se tratando de aspectos das políticas públicas do município, registre-se aqui que na década de 1980 os recursos disponíveis às atividades de saneamento básico da cidade de Picos eram escassos. Em um trecho da matéria publicada pelo jornal *O Macambira*, em 31 de agosto, onde expressa que “A Prefeitura Municipal não tem recursos próprios para realizar o serviço de saneamento em Picos” (SANEAMENTO..., 1981, p. 3).

Constata-se que era precário os mecanismos voltados para a erradicação do acúmulo de lixo nas ruas, pois eram sujas e cheirava mal, ademais, nesta mesma publicação, onde dispõe que “[...] a realidade triste e feia em que se encontra a cidade de Picos; o saneamento é precário, expondo ao risco de doenças a população em geral” (SANEAMENTO..., 1981, p. 3), é possível perceber que a população em geral não possuía a consciência coletiva, assim como também não havia a disseminação de informações com a finalidade de evitar que o problema se alastrasse ainda mais, ou, até mesmo, de que fosse cessado por definitivo.

O autor Alain Corbin (1987) desenvolveu estudos sobre as percepções olfativas que assumiram uma posição de primeira amplitude no imaginário coletivo dos séculos XVIII e XIX, na Europa, onde os cheiros que antes passavam quase que despercebidos agora tornaram-se incômodos e, mais do que isso, começaram a provocar horror frente a sociedade.

Os cheiros começam a ser tidos como os responsáveis diretos pelas doenças e pestes, ao mesmo tempo em que o olfato se torna objeto de uma ansiedade obsessiva, ao se avistar perigos nesses maus cheiros, fundava-se uma nova relação entre o homem e o seu meio social, criando práticas sanitárias.

Em Picos, as questões relacionadas aos odores pela cidade não eram muito diferentes das relatadas por Alain Corbin (1987), nos séculos XVIII e XIX. O município não se mostrava um exemplo de limpeza e bons modos para a população. Os cheiros eram incômodos e perceptíveis por onde se passava. Saneamento básico carente, as pessoas jogavam os lixos e os entulhos nas ruas, acumulando sujeira e provocando maus cheiros, os escoadouros a céu aberto, onde poderia provocar doenças na população.

Com um certo tempo, a prefeitura começou a adotar medidas preventivas para que esse acúmulo de lixos e maus cheiros pelas ruas da cidade acabassem, criando práticas sanitárias e conscientizando as pessoas de que os lixos e esgotos jogados na rua não faziam bem ao meio ambiente e muito menos em relação a saúde da população, uma vez reconhecido que acúmulos de sujeira nesse perfil seria um atrativo para a disseminação de doenças sanitárias.

No entanto, no Código de Postura Municipal da cidade de Picos, em seu artigo 24, vem exposto que, “O serviço de limpeza das ruas, praças e logradouros públicos será executado diretamente pela prefeitura ou por concessão” (CÓDIGO..., 1987, p. 6), a expressão dita que a infração desse artigo causava multa no valor de 20 a 200% do salário mínimo vigente na região.

No ano da matéria publicada no jornal *O Macambira* em 1981, como foi ressaltado nesse texto, percebeu-se que, passados 6 anos, as coisas começaram a progredir em relação à higiene das vias públicas na cidade. Isto é, a prefeitura começou a tomar medidas, a exemplo da publicação do Código de Posturas, em 1987, para que tais vias pudessem ser limpas e preservadas pela sociedade, coisa que não era visto antes, como salienta na matéria de jornal.

Além disso, o artigo 36 do Código de Postura Municipal da cidade de Picos, destaca que os lixos das habitações eram recolhidos em vasilhas e removido pelo serviço de limpeza, não ficariam espalhados nas ruas pelos animais ou até mesmo pelas pessoas, tornando o ambiente da cidade mais limpo e possuindo uma vista mais agradável (CÓDIGO..., 1987, p. 7).

O arquiteto Juscelino do CREA/Picos, publicou um texto, na edição do jornal *Picussuruba*, em 1988, informando que “[...] um número cada vez maior de terrenos no centro da cidade que funcionam como áreas mortas, sem a mínima noção de utilidade pública servindo para outra como verdadeiros depósitos de lixo [...]” (PICUS..., 1988), ressaltando sobre a situação urbana de Picos, marcada por ruas sujas e com acúmulo de lixo. A fonte analisada só contém o primeiro nome do arquiteto, não possuindo outras informações.

Muitos picoenses subvertiam a ordem, usando táticas que sujavam a cidade, poluindo-a, não respeitando as leis impostas pelo governo municipal, para organizar o viver urbano, segundo a ótica dos arquitetos e urbanistas (CERTEAU, 2008). Essa ordem não era seguida por todos, como demonstra a crítica do arquiteto Juscelino.

A população picoense era muito desobediente sobre a assepsia dos espaços públicos, apesar da existência de leis de organização da vida social e urbana locais, a prefeitura disputava os trabalhos de limpeza da cidade com os descasos de muitos cidadãos neste assunto. Muitos picoenses insistiam em jogar lixos em terrenos baldios, objetos nos esgotos, esse comportamento contribuía para agravar a questão sanitária nas ruas e em outros logradouros.

Para a contenção desse aspecto negativo da realidade local, as autoridades lançaram mão de leis. No artigo 152 do Código de Postura do município em questão está disposto que “Os proprietários de terreno são obrigados a murá-los dentro do prazo fixado pela prefeitura” (CÓDIGO..., 1987, p. 25), para evitar que houvesse uma abundante quantidade de lixo pelas ruas da cidade, sendo imposta uma multa quando ocorresse a infração do dispositivo.

Dentre os cheiros presentes na feira livre de Picos nesse cenário, encontrava-se o odor de alho, de cebola, da sujeira presente no ambiente. Assim como o autor J. Erivelton M. de Souza (1995), ressalta no seu poema, *Picos dos Borges Leal*, “[...] que se embriaga do odor, odor bom da cebola verde, do alho ainda na puberdade [...]”. No poema *Picos*, de Heraldo Santos (1985), expõe que “Cidade tristonha, no seio a calar! Tantas tristezas angústias e paixões no corrente do ar! o odor da sujeira o poder da riqueza miseráveis sem condições [...]”, onde o autor lamenta que a cidade picoense se mostrava um lugar triste, mal cheiroso, sujo, com uma evidente desigualdade social, em que o poder da riqueza de poucos se acomoda próximo ao contingente de miseráveis famintos. Uma Picos descrita pelas letras de uma literatura mais engajada e menos apaixonada.

Por haver presença de lixo nos espaços de sociabilidade, o odor era uma das características presentes. Segundo a entrevistada Gertrudes Oliveira (2020), durante a exposição de seus relatos, por frequentar lugares onde moravam as pessoas com menos favorecimento econômico, os cheiros presentes nesses espaços eram ruins, pois havia esgotos a céu aberto e uma grande concentração de lixo: “Falo da minha experiência. Como os meus espaços foram outros, quero referi-me aos espaços dos bairros onde a luta acontecia. Nestes haviam cheiros ruins de esgotos a céu aberto e muito lixo”. Por outros espaços, entendemos a sua moradia interna no colégio das freiras, onde ela ficou até 1964/1965, pois pensava em ser religiosa, até que conheceu seu marido, a quem chamou apenas de Milton.

A senhora Nega Mazé (2020) ressalta uma memória oposta à Gertrudes Oliveira (2020), visto que os espaços frequentados por ela eram caracterizados pelos cheiros de carne assada e

de perfumes baratos, “que na época era vendido na feira”, por um vendedor cujo nome era Astrogildo. Entre esses “perfumes baratos” estavam “Toque de Amor, Brilhantina Gessy e, Charisma”, as fragrâncias mais sentidas. Maria dos Remédios Oliveira de Sousa (2021) também se recorda dos cheiros de perfumes. Para ela o mais marcante é o do perfume chamado Contouré, “pois ainda sinto o cheiro no ar, relembro a gravidez da minha primeira filha”. Segundo seu relato: “Havia sim lixos e odores, mas também havia bons cheiros”. Daí pode ser observado que o problema relacionado ao lixo, e seus respectivos odores desagradáveis, não estava presente em todo o território da cidade, como atesta os distintos locais de memória presentes nas duas entrevistadas. Os cheiros que um lugar possui, é algo que fica marcado na memória de uma pessoa, seja ele bom ou ruim, sempre que se lembra daquele lugar, logo vem à mente o cheiro que ele exala.

Segundo Maria Bernadete de Carvalho Almondes (2021) naquela época, década de 1980, não tinha muito mau cheiro, o que mais se sentia eram os cheiros de comidas, visto que possuía menos esgotos nas ruas picoenses, devido ao tráfego de pessoas e veículos serem menores: “nessa época, a gente num tinha muito essa coisa, sentia mais era algum cheiro de alguma comida cozinhada em casa né, não tinha muito esses cheiros né, as ruas tinha menos esgoto”. De acordo com ela, era um ar mais puro, com cheirinho de mato e de perfumes: Toque de Amor e Charisma, ambos da Avon. O que se sentia de mais desagradável era cheiro de chiqueiro – dos criatórios de porcos e bodes nas residências, “que exalavam cheiro às vezes bem desagradável”.

Para a senhora Rosa Araújo Soares Correia e Oliveira (2021), “infelizmente, Picos sempre teve a problemática dos esgotos, fedorentos, a céu aberto, e sempre teve a problemática da falta de educação das pessoas, colocando o lixo nas ruas, isso sempre, sempre, sempre”, desde que ela “se entende como gente”. A exemplo disto, ela se recorda da rua São Vicente, mais precisamente perto da praça que tem a estátua do Coração de Jesus, em frente à Igrejinha, no centro da cidade. Devido a tentativa falha de se fazer um bueiro lá, visto que ele não comporta, ela relembra até uma chuva muito forte, “que encheu a rua de água, arrastando até um carro”.

Contudo, atrelado a essa lembrança dos maus cheiros, Rosa Araújo Soares Correia e Oliveira (2021) também menciona a memória de “vários cheiros agradáveis”, dentre eles o cheiro de natureza, pois há muitos anos atrás Picos tinha muitas plantas, flores e jardins. “Quase todo mundo tinha um jardim na frente de casa, e comprava vasos bem bonitos”, como era na casa de sua avó, que também possuía muros e quintais muito arborizados, com plantas frutíferas e muitas flores, principalmente rosas e bugari. Dessa forma, a cidade era muito mais arborizada,

pois as pessoas tinham esse hábito. Maria Benicia Lima (2021) também se recorda do perfume das flores, um cheiro muito agradável, “porque tinha as praças com perfume de flores né”, tanto que ela adorava pegar as flores pelo caminho. Para ela, “as ruas num tinha assim mau cheiro não” e, quando tinha, ela “dava a volta, pra passar bem longe” do odor.

De acordo com Maria do Carmo Meneses de Aquino (2021), o que mais incomodava era a presença dos urubus, em decorrência da falta de saneamento básico, mas para ela não havia todo esse mau cheiro que a gente imagina, a não ser quando o rio transbordava de água e deixava muita lama. Maria Benicia Lima (2021), também se recorda dos urubus, mas não se incomodava não, pois sabia que eles estavam ali para limpar a cidade, nas palavras dela: “Picos sempre foi assim a cidade do urubu, mais a gente já sabia que aqueles bichinhos ali num incomodava porque tava era limpando”.

3.3 Os sons de outrora, na urbe picoense

Com a presença de pessoas nas ruas, durante o exercício de suas atividades ou em momentos de lazer, comumente se podiam ouvir sons de diversas maneiras. A entrevistada Gertrudes Maria de Jesus Oliveira, em sua fala, menciona que, nos espaços comparecidos por ela, como os clubes, serestas, discotecas, encontros de associações de moradores, Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica, congressos da FAMCC (Federação de Associação de Moradores e Conselhos Comunitários) e dos sindicatos, os ruídos predominantes eram de conversas alternadas, discordâncias nos debates e músicas nas rodas de bares e calçadas. Segundo ela: “Nos movimentos e nas atuações da igreja, realizava debates, reuniões de rua, mobilização da população em torno das políticas públicas. Nestes espaços o desejo de conquista e justiça social era uma constante na vida de mulheres militantes.”

Já os barulhos mais ouvidos segundo a entrevistada Nega Mazé (2020), eram os advindos do carro de som de Zé de Dorinha, “que era um fusca com duas bocas grandes, uma pra frente e outra pra trás, e ele passava o dia na rua” fazendo propagandas, e o da rádio intitulada de “A voz do povo”, que nessa época era a base de autofalantes, “essas boca que era colocada em cima do Morro da Mariana, ali perto da escada” e informava a população dos acontecimentos da cidade, estas eram as zoadas habitualmente mais ouvidas. Mesmo sendo contrário a lei que entra em vigor no período (desde 1987), ela e os vizinhos não ficavam incomodados com o barulho, pois a rádio era o meio para saber sobre as notícias que ocorriam na cidade.

Maria Benicia Lima (2021) se lembra das músicas desde que começou as rádios aqui em Picos, “eu me lembro que tinha um alto falante lá no morro onde a minha mãe mora”, em

que se ouvia os locutores falando e ouvia-se música, dando de ouvir em quase toda cidade, como no centro. Ela também relata que se irritava com o barulho dos carros de som: “eu não gostava muito daqueles carros de som não, mais como naquele tempo rádio, televisão, telefone era muito difícil, então a gente ficava querendo saber onde era que ia ter queima na loja tal [...] então colocava no carro som”.

Já para Maria Bernadete de Carvalho Almondes (2021), eram poucos os barulhos causados pelos carros de som, talvez por ela morar num local mais afastado do centro da cidade, como era o bairro Junco. Para ela, os carros de som eram mais presentes nas épocas de campanhas eleitorais, não tendo essa poluição sonora que se tem hoje em dia: “era pouquíssimos carros de som, que era mais fazer propaganda [...] e tinha mais só em período de políticas né, tempo eleitoral, e fazia propaganda de farmácia, lojas, mais não tinha essa poluição sonora que se tem hoje não”. Sobre as músicas, ela menciona que era comum bandas como Tropicália e Beto Barbosa se apresentarem pela cidade de Picos. Ela não se recorda dos nomes das bandas locais, embora se lembre que eram duas ou três: “eu num lembro muito bem do nome de bandas não, mais aqui em Picos tinha algumas bandas que tocavam, umas duas ou três né, era em formatura, que era muito raro, uma, duas vezes por ano tinha algumas festas em locais públicos”.

Gertrude Maria de Jesus Oliveira (2020), em seu depoimento para esse estudo, relatou que as bandas juvenis que marcaram a música local picoense, foram os “Leões” e os “Rebeldes”, nos anos 1970. Já nos anos 1980, foi a banda MC-8, que fazia a diversão da juventude. Além disso, a entrevistada relata que as músicas daquela época “eram respeitosas, sadias, apaixonadas. Descreviam o sentimento do amor e não o sexo com depravações, como hoje”.

Para Maria Benicia Lima (2021), destacam-se as bandas de forró, como o show de Luiz Gonzaga, que ela foi na Avenida Getúlio Vargas: “cheguei a conhecer o famoso Luiz Gonzaga mesmo, e foi, acho que foi meu primeiro show, que eu assisti nas costas do meu tio, na corcunda dele, que eu era pequenininha e num dava pra ver, né, o cantor lá tocando sanfona”. Ainda segundo ela: “esses forro das antigas era bom demais, era limão com mel, calcinha preta, de carnaval era mais difícil, que a gente num, eu num curtia muito não, mais música de forro era comigo mesmo, e essas internacionais a gente ficava tentando cantar inglês sem saber”.

Segundo Maria dos Remédios Oliveira de Sousa (2021), as bandas locais mais famosas eram: “MC-8, Cami Case”; e as bandas regionais que vinham à cidade de Picos eram: “Trepidantes, Nordestinos do Ritmo, Matruz com Leite, Magníficos, Limão com Mel”. Já Maria do Carmo Meneses de Aquino (2021), recorda-se de Os Leões, inclusive o Zezé da banda

era seu primo, e da banda de música da prefeitura, que contava com um tio seu, que fazia muitos eventos no Coreto da Praça: “Os Leões era uma banda onde Zezé de tia Chiquinha, que ele ainda hoje tá vivo, ele é meu primo, e tinha Regi, era Reginaldo e chamava Regi, tinha Campos, que ele já morreu, era um grupo de meninos que formava essa banda [...] E também tinha a banda de música da igreja, a banda de música da prefeitura aliás, não era da igreja, era da prefeitura, que fazia muitos eventos ali na Praça, no Coreto da Praça [...] que eu tinha até um tio, o Alfredo, ele ainda tá vivo”.

O volume dos carros de som entrou em debate na matéria do jornal *Folha Picoense* veiculada em 10 de janeiro, quando foi disposto que “[...] Já está tramitando pelo cartório da 2ª Vara no Fórum de Picos uma ação liminar impetrada pelo Serviço de Defesa Comunitária (Decom) como objetivo de suspender imediatamente a veiculação de propaganda volante nos carros de som” (CARROS..., 1998, p. 5), devido o volume do som das propagandas ser considerado excessivo, fato evidenciado na mesma matéria, quando afirma que “[...] A causa para tanto segundo Emir, seria o volume abusivo, por demais alto que os proprietários de carros volante têm utilizado. [...]”.

Vale ressaltar que era proibido por lei, segundo o artigo 61, do Código de Postura Municipal da cidade de Picos de 1987, perturbar o sossego público ou fazer uso de sons excessivos, como os serviços de propagandas, realizadas por meio de alto-falantes, cornetas, sem uma prévia autorizada pela prefeitura (CÓDIGO..., 1987, p. 11).

Dentre as características que marcam a história de um determinado lugar estão presentes os cheiros, os gostos, os sons, as atividades desenvolvidas durante o cotidiano das pessoas que vivem naquele espaço. Essas características, positivas ou negativas, marcam presença na história de vida das pessoas, sendo lembradas mesmo depois de se passar algum tempo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conteúdos textuais e dissertativos que compuseram a essência desta pesquisa, pretenderam explorar com uma diligente contundência a temática acerca dos espaços de sociabilidade ocupados pelas mulheres na cidade de Picos, tendo em vista as percepções femininas, expressadas por meio de uma memória gustativa, auditiva e olfativa, bem como o processo de urbanização na cidade de Picos no referido período proposto.

Através de depoimentos de mulheres que vivenciaram as décadas de 1980 e 1990 na cidade de Picos-PI, foi observado que todas as mulheres tinham acesso a diversões, mas a partir de restrições que moldavam as formas de liberdade impostas. No geral, percebeu-se que as mulheres não podiam estar desacompanhadas, sendo preferencialmente exigido a presença de uma figura masculina. Também nota-se que os espaços de sociabilidade ocupados pelas mulheres seguiam os termos da diferenciação social, visto que somente em raros casos as mulheres de condições menos favorecidas frequentavam os espaços de sociabilidade da alta sociedade picoense. Além disso, é perceptível que os espaços sociais comumente não frequentados pelas mulheres eram caracterizados por uma carga pejorativa e reducionista que reflete a cultura patriarcal vivenciada por aquela sociedade, e que ainda hoje presenciamos, mesmo que de forma mais branda quando comparada.

Uma realidade triste, mais que era ditada e seguida por muitas na época, sendo que nem todas aceitaram de uma forma conformada essa realidade, criando assim a UMP (União das Mulheres Piauienses), para reivindicar seus direitos e mudar a forma de serem vistas por muitos na época, buscando sua liberdade.

Picos, cidade considerada modelo, tantos locais diferentes e com variadas percepções, tanto nos gostos como nos cheiros existentes da época. Picos tinha cheiro de perfume barato, como ressaltou a depoente Maria José Alves do Nascimento, pois ela, apesar das restrições que havia na sociedade, não deixava de se divertir e frequentar os ambientes existentes na referida cidade, já para a depoente Gertrudes Oliveira, a cidade possuía cheiros ruins de esgotos e lixos, pois os ambientes que frequentava eram de classe menos favorecida economicamente. Picos também tinha cheiro de ar puro, do mato e das flores presentes na natureza, e tinha gosto, para todos os gostos, de comida nordestina. Ela também tinha urubus, ao mesmo tempo em que cheirava e murmurava a sua modernização, com a mecânica, o cheiro de óleo e a zoadada dos ferros sendo batidos.

Realidades bem distintas, e ao mesmo tempo próximas uma da outra, pois se tratava da mesma cidade, uma cidade multifacetada.

Os gostos que Picos continha na época de 1980 e 1990, ainda hoje fazem parte da alimentação de muitos, como o arroz, feijão, maria-isabel, baião de dois, mungunzá, paçoca de carne seca no pilão, o mingual de milho, o famoso aluar citado por quase todas as entrevistadas, comidas e bebidas bem tradicionais, que se perpetuam até os dias atuais. A culinária é algo que ficou marcada na lembrança das pessoas.

Podemos perceber que os sons mais recorrentes que a cidade de Picos possuía, citados por ambas as entrevistadas, era a rádio no morro da Mariana, e os carros de som com suas propagandas. Já as bandas mais famosas que alegravam as festas picoenses, era a MC-8, Cami Case, Os Leões, Trepidantes, Nordestinos do Ritmo, Mastruz com Leite, Limão com Mel, dentre outras. Então fica perceptível como Picos era bem eclética em relação as bandas que faziam a diversão nas festas, tinham estilos e gostos variados, que ficaram enraizados na memória das nossas entrevistadas.

Picos, com o passar do tempo e com as mudanças socioculturais locais e por influências da culturalidade externa, foi se reinventando, tornando-se uma cidade ímã que atraía tantos moradores, seja pela sua farta economia, ou por seus espaços de lazer. Picos, cidade com seus encantos, que guarda tantas histórias e lembranças na mente dos que ainda hoje moram nela.

REFERÊNCIAS

ACERVO e memória picoense. [Foto da Igreja Matriz, Praça Félix Pacheco, Picos, 1970]. [28/10/2012]. [Foto: Cristina Varão]. Disponível em: <https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense/photos/ms.c.eJxFUtkNA1AI2qjxFvdfrHke7SdRVBBDJZdKpqBQH2vMlilFlItLuy5YjGisvlh9~_DE4nZhCnLYOV9Py3H6HpmlxOi8~;~_NVDdh~;Euj~;s~_ilTnGr6hTTffGHcvsZW2H5KJofZYavGFHdPt6Q3W~;6~_MqLganrYLyFKZK3r2j6~;cdH4~;XL4dX6ZP1EjJ9~_daG~_5~_9f~_6WyOEFPP~_j0hY8~_2nn8~;lVMN19y~;Fo~;Yc3P1c~_w2Z~;nL6L3Ra2fYu2nHp~_8~_dDFKY05tp8mD~_uHkEvzSc9~;fv9ioav3P13t7q~;Wo5eXGHZ5KZk81eG0xnZ5ZO777eaVjx46~;2Ze3L91~;Pvdo~_~_~;AGTx3CN3T02~;bj~_X1uTj9Btaj9HqDXQ~_Xc~_f9t9x~;8vof26~_PDH5qPE~;y9gUFauvQsgUWdF8SL68OfvkrZTgmZTYe4vCTQEX~;QKfrciA.bps.a.489717407729181/489718534395735>. Acesso em: 27 ago. 2020. 1 fotografia p & b.

ACERVO e memória picoense. [Foto da Praça Félix Pacheco, Picos, 1980]. [28/10/2012]. Disponível em: <https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense/photos/ms.c.eJxFUtkNA1AI2qjxFvdfrHke7SdRVBBDJZdKpqBQH2vMlilFlItLuy5YjGisvlh9~_DE4nZhCnLYOV9Py3H6HpmlxOi8~;~_NVDdh~;Euj~;s~_ilTnGr6hTTffGHcvsZW2H5KJofZYavGFHdPt6Q3W~;6~_MqLganrYLyFKZK3r2j6~;cdH4~;XL4dX6ZP1EjJ9~_daG~_5~_9f~_6WyOEFPP~_j0hY8~_2nn8~;lVMN19y~;Fo~;Yc3P1c~_w2Z~;nL6L3Ra2fYu2nHp~_8~_dDFKY05tp8mD~_uHkEvzSc9~;fv9ioav3P13t7q~;Wo5eXGHZ5KZk81eG0xnZ5ZO777eaVjx46~;2Ze3L91~;Pvdo~_~_~;AGTx3CN3T02~;bj~_X1uTj9Btaj9HqDXQ~_Xc~_f9t9x~;8vof26~_PDH5qPE~;y9gUFauvQsgUWdF8SL68OfvkrZTgmZTYe4vCTQEX~;QKfrciA.bps.a.489717407729181/489719481062307>. Acesso em: 27 ago. 2020. 1 fotografia p & b.

ACERVO e memória picoense. [Foto da Praça Félix Pacheco, Picos, no final dos anos 1970] [foto de Cristina Varão]. [28/10/2012]. Disponível em: <https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense/photos/ms.c.eJxFUtkNA1AI2qjxFvdfrHke7SdRVBBDJZdKpqBQH2vMlilFlItLuy5YjGisvlh9~_DE4nZhCnLYOV9Py3H6HpmlxOi8~;~_NVDdh~;Euj~;s~_ilTnGr6hTTffGHcvsZW2H5KJofZYavGFHdPt6Q3W~;6~_MqLganrYLyFKZK3r2j6~;cdH4~;XL4dX6ZP1EjJ9~_daG~_5~_9f~_6WyOEFPP~_j0hY8~_2nn8~;lVMN19y~;Fo~;Yc3P1c~_w2Z~;nL6L3Ra2fYu2nHp~_8~_dDFKY05tp8mD~_uHkEvzSc9~;fv9ioav3P13t7q~;Wo5eXGHZ5KZk81eG0xnZ5ZO777eaVjx46~;2Ze3L91~;Pvdo~_~_~;AGTx3CN3T02~;bj~_X1uTj9Btaj9HqDXQ~_Xc~_f9t9x~;8vof26~_PDH5qPE~;y9gUFauvQsgUWdF8SL68OfvkrZTgmZTYe4vCTQEX~;QKfrciA.bps.a.489717407729181/489717571062498>. Acesso em: 27 ago. 2020. 1 fotografia p & b.

ACERVO e memória picoense. [Foto do prédio onde entre 1964 e 1989 funcionou o Cine Spark, Picos, 1990]. [28/10/2012]. [Foto: Manoel de Souza Martins]. Disponível em: <https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense/photos/ms.c.eJxFUtkNA1AI2qjxFvdfrHke7SdRVBBDJZdKpqBQH2vMlilFlItLuy5YjGisvlh9~_DE4nZhCnLYOV9Py3H6HpmlxOi8~;~_NVDdh~;Euj~;s~_ilTnGr6hTTffGHcvsZW2H5KJofZYavGFHdPt6Q3W~;6~_MqLganrYLyFKZK3r2j6~;cdH4~;XL4dX6ZP1EjJ9~_daG~_5~_9f~_6WyOEFPP~_j0hY8~_2nn8~;lVMN19y~;Fo~;Yc3P1c~_w2Z~;nL6L3Ra2fYu2nHp~_8~_dDFKY05tp8mD~_uHkEvzSc9~;fv9ioav3P13t7q~;Wo5eXGHZ5KZk81eG0xnZ5ZO777eaVjx46~;2Ze3L91~;Pvdo~_~_~;AGTx3CN3T02~;bj~_X1uTj9Btaj9HqDXQ~_Xc~_f9t9x~;8vof26~_PDH5qPE~;y9gUFauvQsgUWdF8SL68OfvkrZTgmZTYe4vCTQEX~;QKfrciA.bps.a.489717407729181/489790654388523>. Acesso em: 27 ago. 2020. 1 fotografia color.

ACERVO e memória picoense. [Matriz de Nossa Senhora dos Remédios, Picos, 1960] [foto de Cristina Varão]. [31/10/2012]. Disponível em: <<https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense/photos/ms.c.eJw1ydENgFAIA8CNDJSWwv6LGZ~;6eTluSrNFZPbq4mP0EIlCfDYsqm~;fT7z9dZY5E4ddw1i7PHnTT8fwWMjZLGcfQN5ixno.bps.a.489717407729181/491558934211695/>>. Acesso em: 27 ago. 2020. 1 fotografia p & b.

ACERVO para memórias de Picos. [Foto do Cine Spark, inaugurado em meados dos anos de 1960, complexo cultural que envolvia o calçadão e a Praça Félix Pacheco] [foto de Cristina Varão/Museu Ozildo Albano]. Disponível na página do instagram @picosdasantigas.

ALMONDES, Maria Bernadete de Carvalho. [58 anos]. [Abril. 2021]. **Entrevistador: Amanda Sousa Rodrigues**. Picos-PI, 23 de Abril de 2021.

AQUINO, Maria do Carmo Meneses de. [68 anos]. [Abril. 2021]. **Entrevistador: Amanda Sousa Rodrigues**. Picos-PI, 15 de Abril de 2021.

BARROS, José Maria. Lei que embargou reforma da Catedral de Picos proíbe alterações externas. **GPI: Piauí**. 26 de abril de 2019. Disponível em: <<https://www.gp1.com.br/pi/piaui/noticia/2019/4/26/lei-que-embargou-reforma-da-catedral-de-picos-proibe-alteracoes-externas-453325.html>>. Acesso em: 22 mai. 2020.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação e cultura. **Uma visão do campus avançado pelo Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras e Fundação Projeto Rondon**. Brasília, MEC/DDD, 1980.

BRITO, José Rodney Leal. [Antônio José Varão na Praça Félix Pacheco, em frente ao Cine Spark]. In: LUZ, Aylla Mara Caminha. **Cine Spark: memória, lazer e sociabilidade em Picos (PI) nas décadas de 1960 e 1970**, Picos, PI: UFPI, 2012. p.35. (Trabalho de Conclusão de Curso de História – Universidade Federal do Piauí/ Campus Senador Helvídio Nunes de Barros) 1 fotografia p & b.

CARROS de som podem ser suspensos. **Folha Picoense**. Picos-PI, 10 jan. 1998, p.5.

CERTEAU, Michel de. Caminhas pela cidade. In: **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2088, p. 169-191.

CÓDIGO de Postura Municipal da cidade de Picos-PI. Lei nº 1465, 18 junho de 1987.

CONHEÇA um pouco da história da Igreja do Sagrado Coração de Jesus de Picos. [01/06/2020]. [Foto da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Picos, 2020]. In: Cidades na net. Disponível em: <<https://cidadesnnet.com/news/geral/conheca-um-pouco-da-historia-da-igreja-do-sagrado-coracao-de-jesus-de-picos/>>. Acesso em: 22 ago. 2020. 1 fotografia color.

CORBIN, Alain. **Saberes e odores**: o olfato e o imaginário social nos séculos dezoito e dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CORÇÃO, Mariana. **Os tempos da memória gustativa**: bar palácio, patrimônio da sociedade curitibana (1930-2006). Curitiba. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas, Letras e Artes) Universidade Federal do Paraná 2007.

CRUZ, Fernando de Sousa. **A seca em Picos – Piauí nos anos de 1979 a 1985**: o combate e a sua memória. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História, pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. Picos, 2017.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4 ed. São Paulo; Ática, 2000. P.7-35.

DAMASCENO, Marcelo. Revista Caminhos do Coração: Apostolado da Oração – 120 anos (1817-2017). **ISSU**. 03 dez. 2017.

DANTAS, Gustavo. Conheça as 7 curiosidades sobre a catedral de Picos. [11/12/2018]. In: **Vem ver o semiárido** / Faculdade R. Sá. [Catedral de Nossa Senhora dos Remédios, Picos, 2020]. Disponível em: <<http://www.faculdadersa.com.br/vemverosemiarido/conheca-as-7-curiosidades-sobre-a-catedral-depicos/>>. Acesso em: 31 jul. 2020. 1 fotografia color.

DUARTE, Renato. **Picos: Os Verdes Anos Cinquenta**. Recife: Gráf. Ed. Nordeste, 1995.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

GOOGLE MAPS. [Localização das ruas que circundam a Igreja do Sagrado Coração de Jesus. Picos-PI, em 2020]. Disponível em: <<https://www.google.com/maps/place/Igreja+do+Sagrado+Cora%C3%A7%C3%A3o+de+Jesus/@-7.0776254,-41.469644,17z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x79c10593d0059a9:0xd0b9bbdcad444918!8m2!3d-7.0776307!4d-41.4674499>>. Acesso em: 19 ago. 2020. 1 mapa color.

GOOGLE MAPS. [Localização das ruas que circundam a Praça Felix Pacheco, Picos, 2020]. Disponível em: <<https://www.google.com/maps/place/Pra%C3%A7a+F%C3%A9lix+Pacheco+-+S%C3%A3o+Sebastiao,+Picos+-+PI,+64600-000/@-7.082069,-41.468217,20.5z/data=!4m5!3m4!1s0x79c10f6573d6015:0xcab12e71bca95ddb!8m2!3d-7.0821895!4d-41.4682249>>. Acesso em: 19 ago. 2020. 1 mapa color.

IGREJINHA do Sagrado Coração de Jesus merece reconhecimento histórico. **Jornal Meio Norte**, Picos-Piauí, 15 mar. 2013. (Disponível em: <<https://www.meionorte.com/pi/cidades/picos/igrejinha-do-sagradocoracao-de-jesus-merece-reconhecimento-historico-244031>>. Acesso em: 31. jul. 2020).

IWANOW, Clara Slava de Carvalho. **Infográfico: Moda como expressão da identidade feminina**. Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Desenho Industrial – Habilitação em Programação Visual, pela Universidade de Brasília – UnB, 2016.

INFORMATIVO, Revista. [Praça Félix Pacheco, na década de 1990]. In: SANTANA, Maria de Fátima de Moura. **Praça Félix Pacheco: Memória, Lazer e Sociabilidade em Picos**. (Década de 1990). Picos, PI: UFPI, 2018. p.45 (Monografia do curso de História – Universidade Federal do Piauí/ Campus Senador Helvídio Nunes de Barros) 1 fotografia p & b.

LEÃO, Edimar. [Foto da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Picos, 1950]. [09/10/2008]. Cidade de Picos-Piauí antigamente. In: **leadopiaui.blogspot**. Disponível em: <<http://leadopiaui.blogspot.com/2008/10/cidade-de-picos-piau-antigamente.html>>. Acesso em: 31 jul. 2020. 1 fotografia p & b.

LUZ, Aylla Mara Caminha. **Cine Spark: memória, lazer e sociabilidade em Picos (PI) nas décadas de 1960 e 1970**, Picos, PI: UFPI, 2012. (Trabalho de Conclusão de Curso de História – Universidade Federal do Piauí/ Campus Senador Helvídio Nunes de Barros).

LIMA, Maria Benicia. [52 anos]. [Março. 2021]. **Entrevistador: Amanda Sousa Rodrigues**. Picos-PI, 28 de Março.2021.

MARTINS, Rinária da Costa; FEITOSA, Sabrina de Oliveira. **A Teologia da Libertação: analisando a história dos movimentos religiosos e sociais da Diocese de Picos – Piauí na década de 1980.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História, pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Picos, 2018.

NEGA MAZÉ (Maria José Alves do Nascimento) [76 anos]. [Junho. 2020]. **Entrevistadora: Amanda Sousa Rodrigues.** Picos-PI, 18 de jun. 2020.

NUNES, Cristina. O conceito de movimento social em debate: dos anos 60 até à atualidade. **Revista Sociologia, problemas e práticas.** n. 75. p. 131-147. 2014.

O CINEMA está decadente. **O Macambira.** Ano IV, n. 95, Picos-PI, 31 dez. 1982, p.7.

OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. **A Amélia multifacetada: as representações femininas na cidade de Picos nos anos de 1940-1960.** Teresina-PI: UFPI, 2014. (Dissertação (Mestrado em História do Brasil) Universidade Federal do Piauí, 2014.

OLIVEIRA, Gertrudes Maria de Jesus [67anos]. [Junho. 2020]. **Entrevistador: Amanda Sousa Rodrigues.** Picos-PI, 18 de jun.2020.

OLIVEIRA, Rosa Araújo Soares Correia e. [59 ANOS]. [Março.2021]. **Entrevistador: Amanda Sousa Rodrigues.** Picos-PI, 30 de março. 2021.

PERFUME: a história de um assassino. Direção: Tom Tykwer, Elenco: Ben Whishaw, Dustin Hoffman, Alan Rickman ET. All. Nacionalidades: Alemanha, França, Espanha. Produtora: DreamWorks/Constantin Films, 2006. Filme, color, 147 min.

PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel. **O corpo feminino em debate.** São Paulo: UNESP, 2003. P.14-15.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, Cidades sensíveis, Cidades imaginárias. **Rev. Bras. Hist.,** São Paulo, v. 27, n. 53 de junho de 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100002>. Acesso em: 24 abr. 2010.

PICUS Arquitetura. **O Picussuruba.** Picos-PI, 1988.

PROGRAMAÇÃO do Cine Spark. **O Macambira.** Serviços. Picos-PI, 27 out. 1978, p.19.

RIBEIRO, Priscila Moura. **Juventude e lugares de sociabilidade na cidade de Picos (Década de 1980).** Picos-PI: UFPI, 2014. (Monografia do curso de História – Universidade Federal do Piauí/ Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, 2014).

SANEAMENTO preocupa autoridades e o povo. **Jornal O Macambira.** Picos-PI, 31 ago. 1981, p. 3.

SANTANA, Maria de Fátima de Moura. **Praça Félix Pacheco: Memória, Lazer e Sociabilidade em Picos (Década de 1990).** Picos-PI: UFPI, 2018. (Monografia do curso de História – Universidade Federal do Piauí/ Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, 2018).

SANTOS, Heraldo; BARBOSA, Genilda; FONTES, Mundica. **Mutação.** Picos. 1985, p.35.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma anos 1970: revisitando uma trajetória. **Revista Estudos Feministas.** v. 12. n. 2. p. 35-50. Florianópolis, maio-agosto/2004.

SIMIS, Anita. A crise dos anos 1980 e a exibição cinematográfica. **Revista Eptic.** v. 18. n. 2. Mai./ago./2016.

SOIHET, Rachel. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, SP: Edusc, 2005.

SOUZA, J. Erivelton M. de. **Enigma**. Picos dos Borges Leal, 1995, p.73.

STEFANUTTI, Paola; GREGORY, Valdir; KLAUCK, Samuel. Memórias gustativas: uma discussão de memória social e identidade. **Revista Memória em Rede**. v. 10. n. 18. p. 128145. Pelotas, jan./jul./2018.

SOUSA, Maria dos Remédios Oliveira de. [58 anos]. [Maio. 2021]. **Entrevistador: Amanda Sousa Rodrigues**. Picos-PI, 3 de Maio. 2021.

TORRÃO FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Revista Cadernos Pagu**. n. 24. p. 127-152. jan./jun./2005.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 (x) Monografia
 () Artigo

Eu, AMANDA SOUSA RODRIGUES,
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
REPRESENTAÇÕES SENSÍVEIS DA LINGUAGEM: OS ESPAÇOS DE SOLIDARIDADES
PICOENSES DAS DÉCADAS DE 1980 A 1990, SOB A ÓTICA FEMININA.
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 23 de NOVEMBRO de 2021.

Amanda Sousa Rodrigues
 Assinatura

Amanda Sousa Rodrigues
 Assinatura